

Manoel Pereira Gonçalves

ALMANACH

M A D E I R E N S E

PARA O ANNO DE 1889



PUBLICADO

POUR

MANOEL PEREIRA GONÇALVES

PASTO GRANDE — RIO MADEIRA

HONRARAM, ESTE ALMANACH

COM OS SEUS ESCRIPTOS OS SEGUINTES SENHORES

Antonio A. dos Santos Silva.

A. Floriano.

Antonio José Abril.

Antonio Luiz da Silva.

Aristides C. Moraes.

B. M. Costa e Silva.

Beavida R. Gallo.

Candido Moreira Santos Ray.

C. M. L.

Ferrandes Bello.

João Arroyo.

José Francisco Monteiro.

L.

M. B. Costa e Silva.

Manceo Pereira Gonçalves.

Manceo M. Rodrigues.

Martinho Rodrigues.

õ. A.

õ. S.

Ullysses Faro (Dg.).

Verediano Luiz da Silva.



A O

EX.^{no} SNR. COMMENDADOR

José Francisco Monteiro

Como prova indelevel de confraternidade
patriótica

O. D. G.


Muncel Pereira Gonçalves.



Porto. — Typ. de Arthur José da Silva & Irmão, Largo de S. Domingos, 74.



PROLOGO



UANDO o anno passado me propuz publicar o *Almanach Madeirense* tive unicamente em vista aproveitar utilmente algumas horas de ocio e ao mesmo tempo prestar um tributo da minha gratidão aos habitantes d'este Rio.

Era então curto o tempo de que podia dispor e assim teve de limitar-se a dimensões restrictas, aquelle meu modesto trabalho. Motivos que occulto, porque a menção de alguns d'elles daria logar á exhibição de caracteres

tão baixos como a lama em que rastejam, quasi me fizeram desistir de continuar a publicação d'este Almanach.

Não era o receio da critica de umas entidades mesquinhas que me obrigava a desistir do meu proposito, porque essas, coitadas, além de terem, como diz Camões, *de humano só a figura*, mal poderiam ser tomadas a sério por quem as ouvisse, mas a repugnancia de entrar em uma lucta ingloria com uns individuos tão salafrrarios nas letras como na moralidade do seu viver abjecto.

Das minhas *tencões* veio porém afastar-me o meu distincto e particular amigo o ex.^{mo} commendador José Francisco Monteiro, que com as obrigações da sua estima comprovada me fez tomar um caminho diverso d'aquelle que eu tencionava seguir.

A segunda publicação do *Almanach Madeirense* representa portanto uma obediencia tacita a deveres de amizade e uma manifestação do profundissimo respeito que tributo áquelle cavalheiro, sendo portanto de justiça que a elle dedique tambem esta obra, que se

é pobre em meritos, pelo que me diz respeito,
é rica comtudo em intenções.

E antes de concluir, permitta-se-me consi-
gnar aqui o meu intimo agradecimento ás illus-
tres redacções das folhas d'esta provincia pela
nimia bondade com que acolheram o *Alma-
nach Madeirense* e pelas palavras lisongeiras
que me dirigiram; e tambem patentear o meu
reconhecimento aos cavalheiros que me honra-
ram, prestando o concurso do seu talento para
esta obra em que primam tão bellos escriptos.

Pasto Grande, no Rio Madeira,
30 de Junho de 1883.

Manoel Pereira Gonçalves.



VICTOR DA FONSECA COUTINHO

CORONEL COMMANANTE SUPERIOR



ão muitos os exemplos de que não é só dos grandes centros sociaes que sahem homens uteis e prestantes, e que tambem não é só nas escholas politicas que se formam os genios que muitas vezes prestam á sua patria os mais assignalados e patrioticos serviços.

Muitas vezes dos pequenos logarejos provinciannos, onde em volta de um grupo de casas se expande a natureza com todas as primicias da sua exhuberancia, surgem homens que pela firmeza do seu character, pela tenacidade das suas crenças e pela honradez do seu viver se elevam ás culminancias da importancia politica e social, demonstrando ao mesmo tempo

pelo quilate do ouro das suas boas obras que são ellas superiores quasi sempre ao valor das remunerações que a patria lhes concede em premio.

É de um d'esses homens prestantes que hoje vimos occupar-nos, traçando, na rudeza do nosso dizer despretencioso, as notas biographicas que podêmos obter a respeito do tão insigne cidadão.

Victor da Fonseca Coutinho, filho legitimo do capitão Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho e de D. Anna Thereza de Jesus Coutinho, nasceu em Borba em 12 de abril de 1812.

Recebendo a instrucção que n'essa epocha a capital do Pará distribuia á população dos seus sertões, o nosso biographado apesar de pouco abastado e sem ter uma educação litteraria que o collocasse a par de sammidades, soube contudo pelas suas qualidades politicas alcançar um lugar distincto e uma influencia real, e pelas suas prendas pessoaes obter a elevada posição social que occupa.

Contando apenas 14 annos de idade, entrou para o serviço da guarda miliciana, como cabo de esquadra, alcançando quatro annos depois o posto de alferes da mesma guarda.

Como na creação da guarda policial não fosse contemplado como o mereciam os seus meritos, abandonou as armas e entregou-se á carreira commercial.

Seus paes só almejavam tel-o sempre junto de si, empregando para isso todos os meios

de que podiam dispor e foi assim que ao completar 21 annos de idade lhe declararam que lhe tinham escolhido para esposa D. Izabel da Fonseca Zuzarte, que então residia em Serpa.

Victor Coutinho conhecia de Cametá a familia Zuzarte e nenhuma repugnancia teve em satisfazer os desejos dos seus progeitores, unindo frei José das Chagas, em 10 de junho de 1832, os dous noivos, tendo então a noiva 24 annos de idade.

D'este consorcio houve onze filhos, dos quaes restam sete, que são: conego Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho, capitão da reserva Hilario do Nascimento da Fonseca Coutinho, capitão em actividade Luiz da Fonseca Coutinho, D. Anna Silveria da Fonseca Coutinho, tenente José da Fonseca Coutinho, professora D. Maria Praxedes da Fonseca Coutinho e professor, tenente coronel Victor da Fonseca Coutinho Junior; todos os quaes receberam uma educação que os encaminhou sempre pela estrada da honra e do trabalho.

No seu novo estado, entrou na vida politica pelo cargo de juiz de paz para que foi eleito.

Em maio de 1835, descendo na sua cobertura commercial, soube no districto de Gurupá a noticia dos acontecimentos dados no Pará, os quaes espalhavam consigo a revolta, que tomava incremento e subia a passos agigantados o Amazonas.

Vendo-se impedido de continuar a viagem

e conhecendo o perigo do regresso, resolveu ir a Gurupá afim de unir-se ao grupo legal e pugnar com elle pela defeza da justiça.

Foi pois em Gurupá que deixando a sua coberta carregada, entrou de novo para o serviço, apresentando-se ao commandante geral Albano. Este, depois de saber que elle era apenas negociante, casado e juiz de paz, nomeou-o primeiro sargento, encarregando-o da fortificação e vigilancia dos pontos de defeza, mandando-o apresentar com esta nomeação ao commandante da força, Mathias de Aragão.

Sob as ordens d'este valente official e no desempenho da commissão que lhe foi confiada, esteve até outubro, e sabendo-se então que o marechal Manoel Jorge Rodrigues assumira a presidencia e restabelecera a paz, foi por isso dispensado do serviço.

Voltando á sua canôa achou a salsa e o cacau todo estragado pela punilha, e a manteiga utilizada pelo serviço legal, encontrando apenas algumas arrobas de tabaco, que o cuidado do seu companheiro e parente Antonio Francisco de Goes acautelára, sendo com o producto da venda d'essa mercadoria que adquirira o mais essencial para regressar á sua terra em companhia de varios negociantes cametaenses.

Como a viagem fosse um pouco demorada, a noticia de que as cousas na capital tomavam novamente uma feição hostil, alcançou-o antes de passar Parentins e sabendo, antes ainda de

chegar a Villa-Nova, que Serpa estava na posse dos revoltosos, o comboio cametaense resolveu estacionar ahi.

Victor Continho nutria apenas um desejo: o de ver e tranquilisar sua familia e assim decidiu continuar a viagem na sua canôa, acompanhado por quatro tripulantes.

Não levou muito tempo que verificando pessoalmente os factos, conhecesse a imprudencia de ir sacrificar consigo a vida dos seus companheiros, incluindo a do seu parente e velho amigo Antonio de Goes e por isso arribou em fins de novembro a Saracá, onde estavam refugiadas as familias e muitas outras pessoas do districto e de Serpa.

Em Saracá, sendo commandante seu cunhado José da Fonseca Zuzarte, este o unico serviço que acceitou d'elle, foi o rondar os pontos durante a sua permanencia n'aquella localidade, mandando no entretanto dar noticias suas a Borba.

Devido ao soccorro de dez homens que lhe foi enviado por sua familia, pôde emprehender a notavel jornada de Saracá a Borba, onde chegou em janeiro de 1836 sem novidade.

Em março do mesmo anno, constando que Ambrozio Pedro Ayres tinha assumido o commando geral da barra do Rio Negor, com o fim de bater as forças de Miguel Apolinario Maparajuba, que occupavam a comarca, tanto elle como o tenente Zacharias Cesario Peixoto reuniram 50 homens, e depois de terem acau-

telado suas familias nas cabeceiras dos lagos Anará e Trocana, foram apresentar os seus serviços ao novo commandante. Este acolheu-os e reconheceu provisoriamente as patentes do alferes Victor da Fonseca e do tenente Zacharias Cesario Peixoto.

Zacharias foi logo encarregado de descer o Amazonas pela margem esquerda, acompanhando Victor o commandante geral nas excursões de Tauapessassú e Maués. Na ultima soffreu dois ferimentos, cujos projectis, um lhe foi extrahido do ventre onde se alojára sobre o umbigo, depois de atravessar a canana, sinturão e fardamento e o outro ficou cravado no craneo, onde ainda se conserva.

Depois d'estas excursões realizadas em 1836, o presidente do Pará Francisco José de Souza Soares de Andréa, confirmou-lhe a patente de alferes de policia bem como a do tenente Zacharias, enviando-os a Borba, onde ambos, de accordo, estabeleceram os meios de defesa do Madeira.

Em março de 1837, morrendo o tenente Zacharias no ultimo ataque dos cabanos a Borba, assumiu elle o commando e sustentou o fogo até que os revoltosos sentindo-se fracos e perseguidos, dispersaram para mais não voltar.

Assumindo a presidencia da provincia depois do general Andréas, Bernardo de Souza Franco, este nomeou o tenente de policia em premio da sua bravura e das suas virtudes civis.

Em 1852, indo João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha installar a provincia do Amazonas e crear a guarda nacional em consequencia do decreto n.º 602 de 19 de setembro de 1850, nomeou-o capitão da 2.ª companhia da 2.ª secção do batalhão de Maués.

Na legislatura provincial de 1856 occupou a cadeira de deputado e ali entre outros serviços em prol do progresso geral da provincia e desenvolvimento do Madeira, conseguiu em 1857 a elevação de Borba á cathegoria de villa (lei n.º 73 de 18 de dezembro de 1857).

Uma nova era de vicissitudes se lhe abriu com o anno de 1865.

Exaltados os partidos politicos e recrudescendo as perseguições ao povo com a guerra do Paraguay, na occasião do pleito eleitoral foi preso por Manoel Pereira de Sá, encarregado do commando de secção.

O presidente da provincia, que era Antonio Epaminondas de Mello, desgostoso com o resultado da eleição do Madeira, manteve o acto praticado por Pereira de Sá, concedendo-lhe contudo o favor de cumprir a pena de prisão em casa.

N'este, entretimentos, os animos encorajados com os acontecimentos da guerra mostraram que em Borba tambem pulsavam corações brazileiros que voluntariamente se offereciam em holocausto á patria e aquelle que tinha commandado esse punhado de bravos na epoca da paz, não quiz n'esse momento deixar o seu

posto para ver morrer os seus companheiros e d'este modo o capitão Victor Coutinho acompanhou com seu filho mais velho Antonio Carlos da Fonseca Coutinho, sargento secretario e o portuguez Antonio Rodrigues Pinheiro, que morreu na guerra, já no posto de capitão, a parte da sua companhia que se tinha apresentado voluntariamente.

O dr. Epaminondas, querendo continuar a sua obra de vingança, pouco apreço deu a este acto de heroismo e apenas mandou aquartellar o capitão e o seu contingente, dizendo ao capitão Victor, que mandára chamar a palacio, que visto a sua idade avançada ficaria prestando serviço mesmo na provincia e que o nomeava para ir commandar o ponto de Santo Antonio, no Rio Madeira.

Em vista d'estas ordens seguiu immediatamente para a commissão de que fôra encarregado, e dos seus companheiros, uns marcharam para o Paraguay e outros ficaram fazendo parte do contingente da capital.

Depois de quatorze mezes de serviço e de soffrimento em resultado de sezões e outras molestias no ponto de Santo Antonio, voltou a Maranhão com os seus camaradas doentes e ali o presidente, que era então o dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira dispensou-o do serviço em razão do seu precario estado de saúde.

Entretanto uma nova quadra eleitoral se offereceu e o dr. Epaminondas, de volta da côrte, reassume a presidencia, revoga a dispensa dada

pelo dr. Gustavo e apesar de ainda doente, manda-o commandar a 3.^a companhia da ala esquerda de Santarem, que estava em serviço na capital.

Passados porém 3 mezes e convencido realmente de que o capitão Victor não podia prestar serviços porque as febres trazidas de Santo Antonio não o deixavam, dispensou-o e reformou-o em recompensa dos seus feitos.

Em 1868 o dr. Jacintho Pereira do Rego attendendo á sua reclamação, reconduziu-o no serviço activo, mandando-o tomar conta da sua antiga companhia.

O presidente Wilkens de Mattos encarregou-o em março de 1869 de ir levar os soldos do destacamento de Santo Antonio, onde commandava João José de Lima Bala.

A lei geral n.º 2:395 de 10 de setembro de 1873 deu lugar á nomeação do major Manoel Pereira de Sa e logo depois á de Pedro Luiz Simpson e este ultimo, antes mesmo de organizada a secção da Madeira, julgou-se authorisado a prender Victor por ordem da presidencia.

O presidente de então, Domingos Monteiro Peixoto apenas o mandou apresentar-se no quartel e o soltou.

Installada a camara de Borba em 14 de fevereiro de 1877, foi Victor da Fonseca Coutinho o seu primeiro presidente, e depois juiz municipal do termo.

Por decreto de 10 de junho de 1882, o go-

verno imperial nomeou-o coronel commandante superior de Itacoatiara e Rio Madeira, cabendo-lhe então o encargo de organizar os batalhões 2.º de artilheria, 4.º, 5.º e 10.º de infantaria e 2.º da secção de reserva.

Finalmente como premio dos serviços humanitarios prestados durante a epidemia da variola que grassou no municipio de Borba em 1884, foi agraciado com o grau de cavalleiro da Ordem de Christo.

E eis os principaes factos da vida de um homem, cuja existencia se assignala ao respeito de compatriotas e estranhos pelos feitos de valor que a enaltecem.

Como militar a sua lista de serviços é briosa e heroica: a defeza de Gumpá em 1835; as excursões a Tanapessassú e Manães onde recebeu dous graves ferimentos; a defeza de Borba em que expurgou o Madeira dos revoltosos; e as importantes commissões de que foi incumbido, são finalmente factos de um grande alcance na carreira activa de um soldado.

Como cidadão, não podem ser igualmente esquecidos os beneficios que se lhe devem quando exerceu, além de outros, os cargos de collecter geral e provincial, fiscal da camara de Manãos, agente provincial e juiz municipal.

Os actos que praticou alem d'isso, por occasião da epidemia da variola que assolou a villa de Borba, dão testemunho dos sentimentos caridosos que engrandecem aquelle coração. Até que chegassem soccorros da capital, Vi-

ctor Coutinho não só se tornou, por uma espontaneidade sem exemplo, enfermeiro dos variolosos, mas ainda forneceu á sua custa os alimentos e tudo o mais necessario para o tratamento dos enfermos.

Como chefe de familia, em summa, a educação que deu a seus filhos e a sua vida de dedicações e de honestidade, aureolam a brancura dos seus cabellos com uma coroa imperecível e fulgente que só ás almas privilegiadas é dado usar.

O nosso biographado perdeu a sua desvelada esposa em 2 de março de 1877.

Hoje conta 76 annos de idade e os nossos votos são porque essa existencia se prolongue ainda por muito tempo para alegria dos seus e contentamento da terra que o viu nascer.

Manoel Pereira Gonçalves.



TABULA TEMPORANA

PARA O ANNO DE MDCCCLXXXIX

Aureo numero	9
Epacta	XXVIII
Letra Dominical	f
Letra Martyriologica	M
Indicação Romana	2

FESTAS MOVEIS

Septuagesima	17 de fevereiro
Cinza	6 de março
Paschoa	21 de abril
Litanias	27, 28 e 29 de maio
Ascensão	30 de maio
Espirito Santo	9 de junho
SS. Trindade	16 » »
Corpo de Deus	20 » »
SS. Coração de Jesus	28 » »
Dom. 1. ^o do Advento	1 de dezembro

TEMPORAS

Março	13, 15 e 16
Junho	12, 14 e 15
Setembro	18, 20 e 21
Dezembro	18, 20 e 21

KALENDARIO PARA O ANNO DE 1889

Janeiro 31 dias



Fevereiro 28 dias



1 T. ✠ Circumcisão do Se-
nhor. S. Fulgencio.
2 Q. S. Izidoro.
3 Q. S. Anthero.
4 S. S. Gregorio.
5 S. S. Telesphoro, P. M.
6 D. ✠ Os Santos Reis.
7 S. S. Theodoro.
8 T. S. Lourenço Justin.
9 Q. S. Julião.
10 Q. S. Gonçalo.
11 S. S. Paulo.
12 S. S. Hygino.
13 D. SS. Nome de Jesus.
14 S. S. Hilario. S. Felix.
15 T. S. Mauro, Abb.
16 Q. S. Berardo e Comp.
17 Q. S. Antonio, Abb.
18 S. A Cadeira de S. Pedro.
19 S. S. Canuto, S. Mario.
20 D. S. Fabiano. S. Sebast.
21 S. S. Ignez, V. M.
22 T. S. Vicente e S. Anast.
23 Q. Desposições de N. S.^a
24 Q. S. Timotheo, B. M.
25 S. Conversão de S. Paulo.
26 S. S. Polycarpo, B. M.
27 D. S. João Chrysostomo.
28 S. B. Gonçalves, C.
29 T. S. Francisco do Sales.
30 Q. S. Martiã, V. M.
31 Q. S. Pedro Nolasco, C.

1 S. S. Ignacio, B. M.
2 S. ✠ Purificação de N. S.
3 D. S. Ildafonso, B.
4 S. S. André Coraio, B.
5 T. S. Agatha, V. M.
6 Q. S. Dorothea, V. M.
7 Q. S. Romualdo, A.
8 S. S. João da Matta, C.
9 S. S. Apollonia, V. M.
10 D. S. Escolastica, V.
11 S. S. João de Brito M.
12 T. S. Paulo, E.
13 Q. S. Cyrillo, B. C.
14 Q. Os 28 M. do Japão.
15 S. S. Tito, B.
16 S. S. Marcello, P. M.
17 D. S. Raymundo, C.
18 S. S. Theotonio, C.
19 T. Oração de N. S.
20 Q. S. Eleuterio.
21 Q. S. Maximiano.
22 S. Cadeira de S. Pedro.
23 S. S. Pedro Damião, B. C.
24 D. S. Mathias, A.
25 S. S. Margarida.
26 T. Commemoração de J. C.
27 Q. S. Torquato.
28 Q. S. Leandro.

KALENDARIO PARA O ANNO DE 1889

Março 31 dias



Abril 30 dias



1 S. S. Adrião.
 2 S. S. Simplicio.
 3 Q. Quinquagesima.
 4 S. S. Casimiro, O.
 5 T. S. Theophilo.
 6 Q. Cinza.
 7 Q. S. Thomas d'Aquino, C.
 8 S. S. João de Deus.
 9 S. S. Francisca Romana.
 10 Q. 1.^a Quaresma.
 11 S. S. Candido.
 12 V. S. Gregorio, P.
 13 Q. S. Sancia, V.
 14 Q. Trans. S. Beaventura.
 15 S. S. Zacarias.
 16 S. S. Cyrillio.
 17 Q. 2.^a Quaresma.
 18 V. S. Gabriel Archango.
 19 T. S. José, esposo de N. S.
 20 Q. S. Cyrillo, B.
 21 Q. S. Benedicto, A.
 22 S. S. Saldario de N. S. J. C.
 23 S. Com. da Im. Conceição.
 24 D. 3.^a Quaresma.
 25 S. An. de N. Senhora.
 26 T. Bom Ladrão.
 27 Q. S. Roberto, C.
 28 Q. S. Alexandre.
 29 S. As 5 Chuvas de J. C.
 30 S. S. João Cláudio.
 31 D. 4.^a Quaresma.

1 S. S. Macario.
 2 T. S. Francisco de Paula.
 3 Q. S. Benedicto, O.
 4 Q. S. Izidoro, B. e C.
 5 S. S. Vicente Ferrer, C.
 6 S. S. Marcellina.
 7 D. da Paixão, S. Epifanio.
 8 S. S. Amancio.
 9 T. Os S. Apostolos.
 10 Q. S. Ezequias.
 11 Q. S. Leão J. E. e C.
 12 S. Dôres de N. S. S. Victor.
 13 S. S. Hermenegildo, M.
 14 D. Ramos, S. Justino.
 15 S. Bom Pastor.
 16 T. S. Engracia.
 17 Q. S. Aniceto, P. M.
 18 V. S. Endoecias.
 19 S. S. Paixão.
 20 S. Alleluia, S. Anselmo.
 21 D. Ressurreição.
 22 S. S. Sotero e Caio, MM.
 23 T. S. Gregorio M.
 24 Q. S. Fidelis M.
 25 Q. S. Marcos, Evangelista.
 26 S. S. Cleto M.
 27 S. S. Toribio B.
 28 D. S. Paulo da Cruz, C.
 29 S. Gozos de N. S.
 30 T. S. Catharina de Sena.

KALENDARIO PARA O ANNO DE 1889

Maio 31 dias

Junho 30 dias

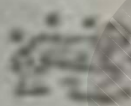


1 Q.	S. Philippa e S. Thiago	1 S.	S. Benedicto J. Labre.
2 Q.	B. Malalda.	2 D.	B. Maria A. de Jesus.
3 S.	Invenção da St. ^a Cruz.	3 S.	S. Ubaldo, B.
4 S.	S. Monica, V.	4 T.	S. Francisco Caracciola
5 D.	Maternidade de N. Sen.	5 Q.	S. Bonifacio, B. e M.
6 S.	S. João del portam lat.	6 Q.	S. Norberto, Bispo.
7 T.	S. Estanislao, B. M.	7 S.	S. Roberto.
8 Q.	Apparição de S. Miguel	8 S.	S. Firmo.
9 Q.	S. Gregorio Nazianeno.	9 D.	Espirito Santo.
10 S.	S. Gordiano.	10 S.	S. Margarida, V.
11 S.	S. Athanasio, B.	11 T.	S. Barnabé, Apostolo.
12 D.	B. Joana, V.	12 Q.	S. João de S. Facundo.
13 S.	S. Pio V, P.	13 Q.	S. Antonio de Padua.
14 T.	B. Eglydio, C.	14 S.	S. Basilio Magno, B.
15 Q.	S. João Damasceno, C.	15 S.	S. Vito e seus comp.
16 Q.	S. João Nepomuceno, M.	16 D.	Santissima Trindade.
17 S.	S. Paschal Baylão, C.	17 S.	B. Theresa, V.
18 S.	S. Venancio, M.	18 T.	S. Marcos e S. Marcel. ^a
19 D.	S. Pedro Celestino, P.	19 Q.	S. Juliana de Falconere
20 S.	S. Bernardino de Sena.	20 Q.	✠ Corpo de Deus.
21 T.	S. Antonino, B.	21 S.	S. Luiz Gonzaga, C.
22 Q.	S. Rita de Cassia, V.	22 S.	S. Paulino, B.
23 Q.	S. Ivo, C.	23 D.	Pureza de N. Senhora.
24 S.	B. V. Maria.	24 S.	✠ Nasc. de S. João.
25 S.	S. Gregorio VII, P.	25 T.	✠ Guilherme, Ab.
26 D.	S. Philippe Nery, C.	26 Q.	S. João e S. Paulo, MM.
27 S.	S. Maria Magdalena.	27 Q.	S. Ladislao.
28 T.	S. Agostinho, B.	28 S.	✠ SS. Coração de Jesus
29 Q.	S. Nereo, Achilleo.	29 S.	✠ S. Pedro e S. Paulo.
30 Q.	Ascensão de N. S. J. C.	30 D.	Comm. de S. Paulo.
31 S.	S. Angela Merice, V.		

CALENDARIO PARA O ANNO DE 1889

Julho 31 dias

Agosto 31 dias



1 S. S. Theodorico.
 2 V. Visitação de N. S.^a
 3 S. Jacinto.
 4 S. Santa Izabel, rainha.
 5 S. Cyrillo.
 6 S. Domingos.
 7 D. S. Palcheria, V.
 8 S. Procopio.
 9 S. Atanazio.
 10 O. Os sete irmãos MM.
 11 S. Pio, P.
 12 S. João Gregorio, A.
 13 S. S. Anacleto, P.
 14 D. S. Boaventura, B.
 15 S. H. Ignacio de Azevedo.
 16 S. S.^a do Monte Carmelo.
 17 S. S. Aleixo.
 18 S. S. Camillo de Lellis.
 19 S. S. Vicente de Paulo, C.
 20 S. S. Jeronymo Emiliano.
 21 D. O Anjo Custodio.
 22 S. S. Maria Magdalena.
 23 S. S. Apollonio, B.
 24 S. S. Christina.
 25 S. S. Jacob.
 26 S. S. João Baptista.
 27 S. S. Pantaleão M.
 28 S. S. Sant'Anna.
 29 S. S. Martha, V.
 30 S. S. Abdon.
 31 S. S. Ignacio de Loyola.

1 Q. S. S. Pedro ad Vincula.
 2 S. S. Alphonso.
 3 S. S. Invenção de S. Estêvão.
 4 S. S. Domingos, C.
 5 S. S. N. Senhora das Neves.
 6 S. S. Transfiguração de C.
 7 Q. S. S. Caetano, C.
 8 Q. S. S. Cyrinco.
 9 S. S. Emyglio, A. M.
 10 S. S. Lourenço, M.
 11 S. S. Tiburcio.
 12 S. S. Clara, V.
 13 T. S. S. Hyppolito.
 14 Q. S. S. Ezebio, C.
 15 Q. S. S. Assumpção de N. S.
 16 S. S. Roque, C.
 17 S. S. Manoel.
 18 S. S. Joaquin.
 19 S. S. Romano, M.
 20 T. S. S. Bernardo, A.
 21 Q. S. S. Joanna, V.
 22 S. S. Timotheo, M.
 23 S. S. Philippe deancio, C.
 24 S. S. Bartholomeu, A.
 25 S. S. Coração de N. S. Senhor.
 26 S. S. Clara, V.
 27 T. S. S. José, C.
 28 Q. S. S. Agostinho, B.
 29 S. S. Degolação de S. João.
 30 S. S. Rosa de Lima, V.
 31 S. S. Raymundo, C.

KALENDARIO PARA O ANNO DE 1889

Setembro 30 dias

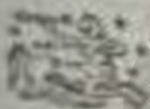
Outubro 31 dias

1 D. N. S. da Penha.
 2 S. S. Estevão.
 3 T. S. Eufemia.
 4 Q. S. Rosa de Viterbo, V.
 5 Q. S. Lourenço, B.
 6 S. S. Libânia, V.
 7 S. B. Pedro Claver.
 8 D. Natividade de N. S.
 9 S. S. Gorgonio, M.
 10 T. S. Nicolau Tolentino, C.
 11 Q. B. Carlos Espinola, M.
 12 Q. S. Auta.
 13 S. S. Philippe.
 14 S. Exaltação da St.^a Cruz.
 15 D. SS. Nome de Maria.
 16 S. S. Cornelio, P. M.
 17 T. Impressão das Chagas.
 18 Q. S. José de Cupertino, C.
 19 Q. S. Januario, B.
 20 S. S. Eustachio, M.
 21 S. S. Matheus, Ap. Evang.
 22 D. As Dóres da Maria.
 23 S. S. Lino, P. M.
 24 T. N. S. das Mercês.
 25 Q. S. Pedro Arbúes, M.
 26 Q. S. Cypriano, M.
 27 S. S. Cosme, M.
 28 S. S. Wenceslau, M.
 29 D. S. Miguel Archanjo.
 30 S. S. Jeronymo, C.

1 T. S. Remigio, B.
 2 Q. Os Anjos da Guarda.
 3 Q. S. Candido, M.
 4 S. S. Francisco de Assis.
 5 S. S. Placido dos CC. MM.
 6 D. S. Rosario de N. S.^a
 7 S. S. Marcos, P.
 8 T. S. Brigida, V.
 9 Q. S. Dionysio, B.
 10 Q. S. Francisco da Borja.
 11 S. S. Firmino.
 12 S. S. Cypriano.
 13 D. Prodigios de N. S.^a
 14 S. S. Calisto, P. M.
 15 T. S. Thereza, V.
 16 Q. S. Martiniano.
 17 Q. B. Margarida.
 18 S. S. Lucas Evangelista.
 19 S. S. Pedro de Alcantara.
 20 D. S. João Cancio.
 21 S. S. Ursula e suas comp.
 22 T. B. Gonçalves de Lagos.
 23 Q. S. Hedwiges, V.
 24 Q. S. Raphael Archanjo.
 25 S. SS. Crispina e Crispin.
 26 S. S. Evaristo, P. M.
 27 D. S. Elesbão, C.
 28 S. S. Simão e S. Judas.
 29 T. Traslado de S. Izabel.
 30 Q. As Santas Reliquias.
 31 Q. S. Quintino.

KALENDARIO PARA O ANNO DE 1889

Novembro 30 dias




- 1 S. Todos os Santos.
- 2 S. Comm. dos Fiéis.
- 3 Q. S. Malquinias.
- 4 S. Carolo, B.
- 5 S. Martiño de Porrez.
- 6 S. Severo.
- 7 Q. S. Florencio.
- 8 S. Os Santos Martyres.
- 9 S. Dedicação da Basilica.
- 10 D. Patrocínio de N. S.^a
- 11 S. Martinho, A.
- 12 S. Martinho, P.
- 13 Q. S. Estanislau Kostka.
- 14 Q. S. Josephat, B. M.
- 15 S. Gertrudes, V.
- 16 S. Indago, C.
- 17 S. Gregorio Thaumet.
- 18 S. Dedicação da Basilica.
- 19 S. Isabel Rainha.
- 20 Q. S. Felix de Valois, C.
- 21 Q. Apresentação de N. S.^a
- 22 S. Cecilia, V. M.
- 23 S. Clemente, P. M.
- 24 D. S. João da Cruz, C.
- 25 S. Catharina, V.
- 26 S. Pedro Alexandrino.
- 27 Q. S. Margarida de Saboia.
- 28 S. Jacob da Mare.
- 29 S. Saturnino, M.
- 30 D. S. André, Ap.

Dezembro 31 dias



- 1 D. 1.^a de Advento.
- 2 S. S. Bibiana, V. e M.
- 3 T. S. Francisco Xavier, C.
- 4 Q. S. Barbara, V. M.
- 5 Q. S. Pedro Chryologo, B.
- 6 S. S. Nicolau, B.
- 7 S. S. Ambrozio, B. e Dr.
- 8 D. Immaculada Conceição.
- 9 S. S. Leonadia, V. M.
- 10 T. S. Melquiades, P. M.
- 11 Q. S. Damaso, P.
- 12 S. S. Justino, M.
- 13 S. S. Luzia, V. M.
- 14 S. S. Angelo.
- 15 D. 2.^o do Adv. S. Eusebio.
- 16 S. S. Eusebio, B. e M.
- 17 S. S. Lazaro.
- 18 D. 3.^o do Adv.
- 19 Q. S. Fausta.
- 20 S. S. Domingos de Sillos.
- 21 S. S. Thomé, Ap.
- 22 D. 4.^o do Advento.
- 23 S. S. Servulo.
- 24 S. S. Gregorio.
- 25 Q. Nascimento de Christo.
- 26 Q. S. Estevão.
- 27 S. S. João, Ap. e Evang.
- 28 S. Os Santos Innocentes.
- 29 D. S. Thomaz, B. e M.
- 30 S. S. Sabino.
- 31 S. S. Silvestre, P.

Familia Imperial Brasileira



PEDRO II de Alcantara, João, Carlos, Leopoldo, Salvador, Bibiano, Francisco, Xavier, de Paula, Leocádio, Miguel, Gabriel, Raphael, Gonzaga, imperador do Brazil, nasceu em 2 de dezembro de 1825, sendo filho do imperador D. Pedro I de Alcantara. Reinou sob tutela em virtude do acto de abdicacão de seu pae, datado da Boavista em 7 de abril de 1831; começou a governar pessoalmente em 23 de julho de 1840; foi coroado em 18 de julho de 1841; casou por procuração em 30 de maio e pessoalmente em 4 de setembro de 1843, com a Imperatriz D. Thereza, Christina, Maria, nascida em 14 de março de 1822, filha do fuzado Francisco I, rei das Duas Sicilias.

Filha: Princesa Imperial Izabel, Christina, Leopoldina, Agostinha, Michaela, Gabriella,

Raphaella, Gonzaga, nascida em 29 de julho de 1846; casou em 15 de outubro de 1864 com Luiz, Philippe, Maria, Fernando, Gastão, príncipe de Orleans, conde de Eu, nascido em 29 de abril de 1842. D'este matrimonio provieram os seguintes filhos:

Príncipe Pedro, d'Alcantara, Luiz, Philippe, nascido em Petropolis, proximo do Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 1875.

Príncipe Luiz, Maria, Philippe, nascido em Petropolis em 26 de janeiro de 1878.

Príncipe Antonio, Gastão, Francisco, Luiz, Philippe, Miguel, Gabriel, Raphael, Gonzaga, nascido em Pariz em 9 de agosto de 1881.

INDICAÇÕES UTEIS

COMMERCIO E INDUSTRIA

VILLA DE MANICORÉ

Negociantes

Soares, Serfaty & C.^a
Manoel da Fonseca e Sousa.
Farache & Irmão.
Benedicto Coñin.
José Benjó & Filhos.
Manoel Pereira de Mello.
Barros & Levy.
Ribeiro & Meda.
Leão Azan.
Hazani & Oliveira.
Januario José de Moura.
Moura & Irmão
Rubim S. Farache & Irmão.
Joaquim Sant'Anna dos Reis.

Banda marcial

Mestre — José Herculano Gomes.

Café e bilhar

Manoel Alonso.

Lojas de barbeiro

Luiz Antonio da Oliveira.
Saturnino de Carvalho Campos.

Padarias

David Martiniano Nascimento.
João Tavares de Rezende.

Carpinteiros

José Monteiro Nunes.
Manoel Ferreira dos Santos Chaves.

Empreiteiro de obras

Manoel Alonso.

Alfaiate

Antonio Rora.

Typographia

Correio da Manhã, órgão do partido liberal,
publica-se aos domingos. Propriedade do Ca-
pitão José Francisco Dias.

ALTO E BAIXO MADEIRA

Negociantes matriculados

José Francisco Monteiro.
 Manoel Pereira Gonçalves.
 Manoel Vieira Marques.
 Francisco Antonio Delgado.
 José da Silveira Dutra.
 José Gentil Monteiro das Costa.
 João Monteiro da Costa.
 Joaquim Theodoro Bentes.

Estabelecimentos commerciaes e industriaes

José Francisco Monteiro & C.^a — Humaytá.
 Santos Mercado & C.^a — Paraizo.
 P. Antonio Chaves & Filho — Juma.
 José Rezende de Moraes — Abelhas.
 Manoel Pereira Gonçalves — Posto Grande.
 Manoel Vieira Marques — Bom Futuro.
 Joaquim Theodoro Bentes — Jurará.
 Joaquim Taveira Lobato — Uruapiara.
 Quadros & Irmão — S. Pedro.
 Sousa Lobo & Quadros — Lago do Antonio.
 José Gentil Monteiro da Costa — Marmellos.
 José Francisco Dias — Remanso.
 Klautan & Sá — Jumas.
 Manoel Soares Botelho — Pupunhas.
 Olympio José Vieira — Idem.
 S. Martinho & C.^a — Baêtas.

- Francisco Antonio Delgado — Aripuana.
 Costa & Filhos — Vista Alegre.
 Atelino Pereira Brazil — Araras.
 Rodrigues & Filhos — Taboal.
 João Baptista Soares — Santo Antonio.
 Ramon Roca — Calama.
 Norzeca Lobo & Irmão — Juary.
 Faustino Chaves Avarôma — Cachoeiras.
 Isaac Hurtado — Idem.
 Guagama & Porto — Idem.
 Tristão Roca — Idem.
 José da Silveira Dutra & C.^a — Mutuns e Ja-
 uary.
 Ismael Cassio Velloso — Pelotas.
 Adolpho Deleidio Amaral — Conceição.
 Vinça Alves & Filhos — Três Casas.
 José Antonio Rodrigues & Filhos — Pirahibas.
 Firmino G. d'Azevedo — Idem.
 Raphael Bento Carolino — Carapanatuba.
 Thomaz Fusa — L. do Antonio.
 Barbosa & Jordão — Miryti.
 Anello dos Santos Pinto Belleza — Jacaré.
 Leão José Coelho de Miranda — Tapurú.
 João Monteiro da Costa — Mannutor.
 Luiz Laborda Izal — Onça.
 Joaquim Ferreira Franco — Jatuarana.
 Francisco Guedes Rodrigues — Jenipapo.
 Jaime Zagury & C.^a — Cachoeirinha.
 Martinho José Tavares — Uruá.
 Manoel Fernandes da Silva Brasão — Idem.
 Carlos Mar & Irmão — Santa Roza.
 Raymundo Vieira de Gusmão — Boa Vista.

João Nepomuceno Martins — Aripuana.
Bartholomeu Ferreira Pinto — Gião.
Leigne & Filho — Machados.
Carmem Jimenes — Idem.
Mauricio Ramos d'Oran — Bom Jardim.
M. Q. de Sousa & Filho — S. Sebastião.
Francisco Deodato d'Araujo Porto — Mazuins.
João Diniz Peres & C.^a — Firmeza.
José Afonso dos Santos & Filhos — Curicacas.
Manoel Carolino Tenorio & C.^a — Papagaios.
João Antonio Mendes — Manicoré.
Francisco Ferreira Franco — Idem.

CAMARA MUNICIPAL DE MANICORÉ

Vereadores

- Presidente — 1.^o José Francisco Dias.
2.^o Lourenço Custodio Pereira de Sá.
3.^o Antonio de Mello Furtado.
4.^o Theodoro de Almeida Ribeiro.
5.^o Raymundo Nunes Collares.
6.^o Francisco Pereira Menezes.
7.^o Benardino de Senna Araujo.

Supplentes — Manoel Fernandes da Silva Bra-
são.

Antonio Ferreira do Prado.

EMPREGADOS

- Secretario — Firmino Antonio de Sousa Coelho.
Amanuense — Felisberto Francisco Lopes.
Procurador — Francisco Canuto de Araujo.
Fiscal — Manuel Ferreira de Moraes.
Porteiro — João Baptista de Almeida.
Agente — Saturnino de Carvalho Campos.
Professor de musica — José Herculano Gomes.
da Escola Nocturna — Isaac Weyn-
ne de Barros Castro.
Medico — Dr. José Elias Avila Lins.

Julzes de Paz

PRIMEIRO DISTRICTO

- 1.º — Joaquim Ferreira Franco.
 - 2.º — Leopoldino Borges do Carmo.
 - 3.º — José Gentil Monteiro da Costa.
 - 4.º — Martinho José Tavares.
- Supplentes — 1.º, Antonio Ferreira do Prado.
 2.º, Manoel Baptista do Espirito Santo.
 3.º, Manoel Fernandes da Silva Brasão.
 4.º, Manoel Pereira Soares da Silva.

SEGUNDO DISTRICTO

- 1.º — Manoel Vieira Marques.
 - 2.º — Joaquim Theodoro Bentes.
 - 3.º — Joaquim Taveira Lobato.
 - 4.º — Macinio Leocadio da Silva.
- Supplentes — 1.º, Vicente Ferreira Passos Baryna.
 2.º, Vago.
 3.º, José Pedro Ausier.
 4.º, João Honorio Prestes.

TERCEIRO DISTRICTO

- 1.º — Venancio Antonio de Castro.
- 2.º — José Gusmão da Silva Amaral.

3.º — Manoel Soares Botelho.

4.º — Manoel Pinto de França.

Supplentes — 1.º, Antonio Francisco Monteiro.

2.º, Olympio José Vieira.

3.º, José Antonio Rodrigues.

4.º, Manoel Pedro Fernandes.

QUARTO DISTRICTO

1.º — José Resende de Moraes.

2.º — Francisco D. d'Araujo Porto.

3.º — José da Silveira Dutra.

4.º — Adolpho Delcideo do Amaral.

Supplentes — 1.º, João Diniz Peres.

2.º, João Baptista Alvares.

3.º, Francisco Gonçalves da Costa
Porto.

4.º, Vago.

COMARCA DO MADEIRA — VILLA DE MANIGORÉ

INSTRUÇÃO PUBLICA

Conselho Parochial de Instrução
Publica

Presidente — Tenente Leopoldino Borjes do
Carmo.

Vogaes — 1.º Isaac Weyne de Barros Castro
2.º Vago.

Professores — Secundino da Silva Salgado.
D. Thereza Bentes Simpson.

Hygiene

Delegado — Dr. José Elias Avila Lins.

Medico —

Botica

Francisco Canuto de Araujo.

Correios

Agente — Saturnino Carvalho.

Justiça

Juiz de Direito — Bacharel Arminio Adolpho
Pontes de Sousa.

Juiz Municipal e de Orphãos — Bacharel Ma-
noel Agapito Pereira.

Promotor Público — Julio Pinto d'Almeida.

Curador dos Orphãos — Capitão Francisco Ca-
nuto de Araujo.

Supplentes do Juizo Municipal — 1.º Francisco
Urbano Moreira Montenegro.

2.º — Ambrosio Emiliano Moda.

3.º — José Henrique de Sousa.

Tabellião

Capitão Aristides Augusto Cesar Pires.

Advogados

Bacharel Aristides Carlos de Moraes.

Capitão Francisco Canuto de Araujo.

Martinho Rodrigues de Souza.

Pedro Luiz Simpson.

Officiaes de Justiça

José Firmino de Mattos.

Sebastião Ferreira do Amaral.

Cadeia

Carcereiro — Sebastião Ferreira do Amaral.

Agencia Provincial

Pedro de A. Barboza Tinoco.

Meza de Rendas

Administrador — Major Pedro Luiz Sympson.

Escrivão — Vago.

Guardas — Felisberto Francisco Lopes.

Francisco Xavier Ferreira dos Santos.

Isaac Weyne de Barros Castro.

Arthur Heliodoro Albuquerque.

Polícia

Delegado — Isaac Weyne de Barros Castro.

1.º Supplentes — Vicente P. França.

2.º — Tenente Leopoldino Borges do Carmo.

3.º — Manoel A. Cesar Pires.

Sub-delegacia de Policia do districto de Manicoré

Sub-delegado — Joaquim Sant'Anna dos Reis.

1.º Supplente — Antonio de Mello Furtado.

2.º — Luiz Laborda Izel.

3.º — Manoel Baptista do Espirito Santo.

1.º Districto de Manicoré

Sub-delegado — Joaquim Sant'Anna dos Reis.

- 1.^o Supplente — Antonio de Mello Furtado.
 2.^o — Luiz Laborda Izel.
 3.^o — Manoel Baptista do Espirito Santo.

Districto das «Tres Casas»

- Sub-delegado — Joaquim Theodoro Bentes.
 1.^o Supplente — Anelio dos Santos Pinto Belleza.
 2.^o — Domingos de Oliveira Pantoia.
 3.^o — Anselmo de Souza Zuany.

Districto de «Baetas»

- Sub-delegado — Joaquim Taveira Lobato (ausente).
 1.^o Supplente — Manoel de S. Martinho Fernandes.
 2.^o — Adeodato Ferreira Lima.
 3.^o — Vago.

3.^o Districto dos Machados

- Sub-delegado — José Gusmão da Silva Amaral.
 1.^o Supplente — Tenente Manoel Soares Botelho.
 2.^o — Capitão Antonio Francisco Monteiro.
 3.^o — José Paulino Rodrigues da Cruz.

4.º Districto de Santo Antonio

- Sub-delegado — João Baptista Alvares.
 1.º Supplente — Augusto Coelho da Costa.
 2.º » — Jeronymo E. C. Guelha.
 3.º » — Manoel Q. Souza.

Districto do Urná

- Sub-delegado — Martinho José Tavares.
 1.º Supplente — Ireneo Aureliano Oliveira.
 2.º » — José Bentes de Souza.
 3.º » — Carlos Ferreira Mar

Merassutuba

- Sub-delegado — Manoel Ignacio Baptista Campos.
 1.º Supplente — Antonio B. Campos.
 2.º » — Maximo Astino de Franca.
 3.º » — Zeferino Gonçalves Dias.

FREGUEZIA DE BORBA

Instrucção Publica

Professor — Tenente coronel Victor da Fonseca Coutinho Junior.

Culto Publico

Vigario — Rev. Conego Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho.

Polícia

Sub-delegado — Joaquim Nunes Collares.

Supplentes — Vicente Mafra da Oliveira.

Conrado Monteiro de Sá

Vago.

Distrito das « Araras »

Sub-delegado — Augusto Cesar Almeida e Costa

Supplentes — Raymundo Vieira Gusmão.

Joaquim Cypriano de Sousa.

Fernão de Belém Sá.

Aripuana (1.º districto)

Sub-delegado — Francisco Antonio Delgado.

Supplentes — João Nepomuceno Martins.

Adolpho Ascenço da Costa Fer-
reira.

Olytho Bentes de Sousa.

Aripuana (2.º districto)

Sub-delegado — Manuel Joaquim da Oliveira.

1.º Supplente — Raymundo Monteiro da Costa.

2.º » Placido Felix da Fonseca.

3.º » Manoel Rodrigues Vieira.

UM ESQUECIMENTO IMPERDOAVEL

A villa de N. Senhora das Dores de Manicoré é regida cumulativamente pelo Vigario encommendado de Santo Antonio de Borba, Conego Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho.

Desde principios de 1885 até á presente data (15 de agosto de 1888) ainda não tem Vigario nomeado!!!...

Renda da Camara

No exercicio passado foi a sua arrecadação de quantia superior a 60.000\$000.





NO MAR

—
FRAGMENTO
—

.....
Bella é a perspectiva do sol surgindo em chispas de ouro no seio das aguas, ou escondendo-se no termino de sua triumphal carreira, entre grupos de algodoadas nuvens: magnifica, cheia de supremo encanto é a noite passada no mar, uma noite tranquilla, fulgida de estrellas, illuminada pelo suave esplendor da lua surgindo das trevas e mostrando o seu disco luminoso; agradável, magicamente agradável é o phosphorescente brilhar das aguas espumantes; surpreendente, magestoso, é o fragor das ondas levantando sobre o seu dorso cyclopeo o fragil navio que as sulca.

E ante estas supremas maravilhas, no meio d'estas grandezas, o homem, envolvido pelo mais horroroso dos vacuos, o vacuo da alma determinado pela duvida, pela incerteza em que vive, sente-se dominado por uma força mysteriosa e estranha que o obriga, vencedor agonisante, constricto, a procurar conforto

n'uma prece fervorosa que eleva ao Creador
Eterno.

Paris, maio 1888.

Candido Moreira Santos Ruy.

SANTO ANTONIO

(Ao meu amigo Antonio Monteiro dos Santos)

Da esti-pe de Bullides, nobre, nascido
ao sussurrar das tagides famosas,
cingido de burel, quando inda as rosas
da alegre juventude o hão mal tingido:

eis Antonio, na fô tolo incendiado,
de Libya busca as plagas arenosas
por conquistar as palmas venturosas
que cinco franciscanos têm collido.

O céu não quiz porém que elle cingisse
do martyrio a corôa! A lingua d'ouro
havia de fallar!... E tanto disse

e tam bem (não mer'cida ao duro mouro)
que até peixes ouviram-lhe a meiguice,
e de Padua é brazão, timbre e thesouro!

Antonio A. dos Santos Silva.

A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS NO BRAZIL



No anno de 1888, o Brazil registrou nos seus annaes o facto mais importante da sua vida politica depois da independencia, effectuando a reforma mais profunda de que carecia.

A 13 de maio, depois de rapidas discussões na Camara dos Deputados e no Senado, a Princeza Imperial Regente sancionava a lei da libertação immediata e incondicional de todos os escravos, a qual, tomando o n.º 3353, foi no dia seguinte mandada por telegramma executar em todo o paiz.

Este acto do ministerio 10 de março, presidido pelo benemerito cidadão João Alfredo Corrêa d'Oliveira, que já em 1871 fizera parte do gabinete Rio Branco quando se decretou a lei chamada do ventre livre, foi recebido em toda a parte com um verdadeiro delirio de en-

thusiasmo, tal era o grau de intensidade a que já tinham chegado as ideias abolicionistas entre os brasileiros, tal era a disposição dos animos; sendo certo que se uma providencia como a que tomou o governo, promulgando a lei de 13 de maio, não fosse tomada, era para receiar em breve tempo algum grave conflicto, quiçá as tristes scenas que em circumstancias identicas presenciaram os Estados Unidos da America.

A provincia do Amazonas, não obstante ser das que ha muito não possuiam um só escravo, tendo-os libertado por seus proprios esforços, nem por isso deixou de partilhar do geral contentamento pela patriotica lei, e o regosijo da população de Manaós ao receber a grata noticia foi verdadeiramente ruidoso. Por mais de 8 dias a cidade esteve em festas, embandeirada e illuminada, e cada classe da sociedade quiz dar demonstração especial do seu jubilo.

D'entre os festejos que se effectuaram, e que seria muito longo aqui mencionar, devemos todavia pôr em relevo os que foram promovidos pela praça do commercio em nome da corporação commercial de toda a provincia, os quaes tiveram um exito brillantissimo, e o concurso das pessoas gradas de Manaós.

O cortejo civico que foi na noite de 26 de maio ao palacio do governo entregar ao presidente da Provincia a mensagem assignada pe-

las principaes casas de commercio, e em nome de toda a classe felicitando Sua Alteza Regente pela nova lei, foi de um effeito imponente pela enorme multidão de illustres cavalheiros, pelo brilhantismo de milhares de luzes, e muito principalmente pela presença de vinte senhoras que em diversos carros iam representando as vinte provincias brazileiras.

Foi tambem de grande effeito o arraial feito na praça de D. Pedro 2.^o em 27, á noite; mas sobretudo a grande attracção, a parte mais applaudida da festa do commercio foi sem duvida alguma o passeio veneziano sobre o Rio Negro, na noite de 29. Não se pôde fazer uma ideia do aspecto deslumbrante, phantastico, de mais de sessenta botes e catraias, guiados por quatro lanchas a vapor, todos enfeitados com grande numero de lanternas de papel de varias côres, movendo-se na escuridão da noite como grandes navios magicos, reflectindo no espelho das aguas os fogos cambiantes que se queimavam a bordo.

A população da cidade, attralida por esse espectaculo imponente e novo, affluu em massa á beira dos caes, e d'ahi victoriava alegremente a passagem do bello cortejo.

Temos que o commercio de Manaós soube perfeitamente representar a sua classe e interpretar os sentimentos de toda ella, tomando parte saliente nos festejos á lei de 13 de maio; e essa noticia será bem agradavel no rio Ma-

deira, onde a nobre corporação conta caracteres tão apreciáveis e dignos de respeito.

Manáos, 30 de maio de 1888.

T. A.

ADIVINHAÇÕES

Dão-me voltas e mais voltas,
De voltas é o meu sôr,
Sirvo ao pequeno, ao grande,
Sirvo até envelhecer;

Muitas vezes estou parada,
Outras ando até suar,
Sirvo lavada ou suja,
Conforme vou passear;

Sahindo d'aqui para fóra,
Para outro povo servir,
Vou com muitas companheiras,
Sem nenhuma d'ellas se rir.

OFFICIO MODELO

Que acharmos n'esta peça official a *immortalidade* do nome do seu author, a apresentamos aos nossos leitores, na certeza, tambem, de que julgamos prestar um preito aos *conhecimentos profundos* de tão distincta authoridade, dando-lhe publicidade. *Vae ipsis verbis.*

Ill.^{me} S.^{re} — Aremoto encluzo a V. S.^a o cadavel de um defunto que appareceu nos fundos do Chico Panhamú sem que ninguem sabe donde é aquelle veio. Tenho de communicá a V. S.^a que chamou o Dr. Cudoca, filho da viuva do arfere Purfiro pra fazé antocia a elle disse que estava desconfiado que o cadavel haveria de ter morrido de secreto policititis hellerites complicado com autramitis. Pra se fazé o arto de corpo de delicto em fraglante tenho a informá a V. S.^a que o defunto morto foi encontrado deitado no chão de papo para o ar, olhando pra banda do pasto em que está pastando o burro do seu vigario cus pés para a banda do sitio da comadre do arreferido vigario que é a mãe do sobredito Dr. que fez a ope-

ração no morto acima alumado. Não fiz o ter-rogatorio, por que o escrivão está doente por causa de umas tapônas que levou na inleição por querê votá nos liberaes que a imbolição dos escravos que os fazendeiros compró junto eus burros como V. S.^a é sabedô — Espetoria deste cuarteirão de que sou espetó pelos con-servadores a quem deus guarde

O espetó — *Appolinario Siqueira.*

N. B. o defunto pela fisolomia parece ale-mão e se não fô entoncos é intaliano.

AO MEU PREFERIDILAR AMIGO

ANTONIO LEIZ DA SILVA

Amor ella concentra encantadora,
Na morbidez do olhar que me fascina;
No gesto olympo tem, na voz sonora,
Amor que gera amor, que amar ensina.

Nata n'um brando olhar, mostrando a vida,
Vrranca d'alma uma canção querida,
Nota de inspiração, cheis de amor,
Transluzem-lhe na face immaculada,
Os divinos rubores da alvorada,
Acabli-me magestade do pudor.

Fernandes Bello.

Bernardo Antonio de Oliveira Braga



VAMOS o primeiro a reconhecer a pobreza dos nossos recursos literarios para nos abalançarmos a obras de grande tomo, mas acima d'essa deficiencia de conhecimentos está um sentimento que nos impelle a exaltar todos os grandes merecimentos d'aquelles que pelo seu civismo, pela sua constancia e pelo seu desinteresse se tornam credores do reconhecimento publico.

E' assim que vamos, em algumas linhas de admiração profunda, prestar o nosso testemunho de respeito ao homem que, galgando todos os barrancos do indifferentismo e da desprotecção, arrancou do lethargo desolador em que jazia, a Sociedade Portugueza Beneficente do Amazonas.

E ao escrevermos estas linhas, note-se bem, não temos a menor intenção de censurar pessoa alguma, porque não está isso na nossa índole nem nos nossos habitos.

O que desejamos apenas, ao traçar esta biographia, é mostrar os importantes serviços prestados pelo nosso biographado a uma Associação, que como que representa a colonia portugueza do Amazonas, tendo além d'isso contribuido em grande parte para o progresso d'esta provincia.

Bernardo Antonio de Oliveira Braga, natural da freguezia de S. João do Souto, na cidade de Braga, nasceu em 16 de dezembro de 1843, sendo seus paes João Manoel de Oliveira Bastos e Rosa Maria de Oliveira Bastos, ambos já fallecidos.

A sua carreira commercial começou-a aos 12 annos, na villa de Chaves, em Portugal, dando n'ella provas de aptidão que não passaram despercebidas nos seus patrões, como o testemunhou a confiança que n'ello depositaram.

Em 1864 foi para Lisboa, onde continuou a sua profissão e em 13 de junho de 1865 embarcou para o Rio de Janeiro, onde pouco se demorou, porque a intensidade de affectos poderosos de coração o attrahiam para a capital portugueza, para onde regressou de novo passados apenas quatro mezes.

Decorrido pouco tempo, desposou alli a sr.^a D. Carolina Amelia Simões Braga, havendo d'este consorcio dous filhos, já fallecidos.

Em 17 de outubro de 1869 embarcou para o Pará, onde chegou no dia 1.^o de novembro do mesmo anno e ahi empregou-se no estabe-

locimento do snr. Abel Maria de Souza, que alguns mezes depois o associou á sua casa commercial sob a firma de Abel Maria de Souza & C.^a Este facto demonstra claramente o quanto haviam sido apreciados pelo seu antigo patrão os seus serviços e qualidades pessoais.

Em 1871 veio ao Amazonas tratar da liquidação de alguns negocios da sua firma e vendo que em Manãos melhor poderia desenvolver as transacções do seu commercio, estabeleceu-se alli com uma casa filial da do Pará, da qual mais tarde se retirou o socio Abel, ficando então senhor de todo o negocio d'esse estabelecimento.

Data d'esse tempo o começo da sua actividade em favor da praça de Manãos, onde por largo tempo foi presidente da Associação Commercial, á qual prestou assignalados beneficios. Como director da companhia de navegação de Manãos, cargo que exerceu por mais de dous annos, não pôde ser esquecida a sua dedicação por essa companhia, pois entre os actos que distinguiram a sua gerencia, conta-se o de ter conseguido, n'uma epoca em que uma tremenda crise assolava as praças de Manãos e Pará, trazer d'esta ultima cidade o vapor « Japurá », pertencente á mesma companhia e que alli estava detido pela falta de pagamento de 40,000\$000, em consequencia da desconfiança que lavrava por todo o commercio.

Oliveira Braga conseguiu d'este modo levantar o credito da companhia e ao mesmo

tempo, e com o auxilio dos seus amigos, desafiou o commercio de Manaos, que em verdade se diga, tem soffrido cruenta guerra por parte da praça vizinha.

Em 1886 foi eleito presidente da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas, cargo em que foi reconduzido varias vezes.

Se bem que essa sociedade dispozesse de alguns fundos seus, não possuia contada casa propria onde podesse funcionar e d'este modo, o primeiro cuidado de Oliveira Braga foi o construir um hospital, empreendimento que levou a cabo apesar da deficiencia de meios pecuniarios, supprida por vezes com o producto de licenças, para as quaes todos, sem distincção, concorreram, auxiliando assim a força de vontade e actividade do digno presidente da sociedade.

Esse edificio, posto que não esteja ainda concluido, pôde já receber alguns enfermos. A sua construcção é solida e de um typo moderno.

Representa elle um padrão de gloria para o sr. Bernardo Antonio de Oliveira Braga, pois que ao passo que dá mostras dos sentimentos patrioticos do seu impulsionador, revela em cada pedra os feitos prestantes de generosidade que concorreram para a sua creação. O governo portuguez não deve deixar esquecidos os serviços d'esto cidadão insigne.

Oliveira Braga tem sido tambem mezario

da Santa Casa da Misericórdia de Marão e
 nessa qualidade tem deixado assignalados os
 seus sentimentos humanitarios pela dedicação
 com que cuida sempre d'aquelle estabeleci-
 mento, onde a pobreza enferma encontra um
 refugio consolador.

E aqui terminamos os apontamentos bio-
 graphicos de Oliveira Braga, a quem deseja-
 mos que a surpresa d'estas pobres linhas lhe
 seja tão agradável quanto para nós é satisfa-
 torio o manifestarmos-lhe de que apesar de
 bastante longe e sem relações algumas de in-
 timidade com s. ex.^a, não nos passam desper-
 ceitas as suas qualidades excellentes como
 homem, nem os seus sentimentos de humani-
 dade e de civismo como cidadão.

Lisboa, junho de 1858.

Manoel Pereira Gonçalves.

CHARADA

Sirvo ao bom, sirvo ao perverso;
 O bem e o mal eu promovo; — 2
 Eu mim me agglomera sempre
 Ou mais ou menos, o povo — 3.

Por mim se busca a donzella,
 E o varão na sociedade;
 Também tanto em medidas...
 Oh! que grande novidade!

PROCRIAÇÃO DOS INDIOS PARINTINTINS

No dia 23 de junho do corrente anno, pude obter um dos dois membros amputados depois da morte de dois Indios da tribu Parintintins que ataco um dos estabelecimentos de extracção de gomme elastica no Rio Madeira, confluyente do Amazonas, estabelecimento de nome «Calama», pertencente a um dos subditos bolivianos n'este Rio, o snr. D. Ramon Rocca. Pelo extraordinario de suas fórmas e grandeza, foi considerado, pela curiosidade publica, um dos pontos mais dignos de attenção do desastre sanguinolento que teve lugar n'aquelle sitio no dia 9 de maio do corrente anno. Ainda me considerava hospede do snr. D. Ramon, que com tanta fineza me acompanhava na lancha em que eu ia ás Malocas dos Indios Torás, no Rio Machado, quando se dava em sua casa, de onde acabavamos de sair, a invasão dos indios «Parintintins», onde falleceram e foram feridos muitos civilizados e tres indios. Esta tribu é antropophaga, e seus descendentes são robustos, sagazes, e considerados inteiramente indomaveis. Já se tem aprisionado alguns vivos e morrem todos; diz o vulgo que de raiva.

Um dos dois penis que vimos (o que não

foi examinado minuciosamente) media, 0,30 do angulo pubiano onde foi cortado, até á sua extremidade livre.

Podia ter uma circumferencia de 0,10 na extremidade livre e de doze na extremidade pubiana.

O orificio prepucial ficava a dois centimetros da extremidade livre. E esta extremidade que era feita por um prolongamento da pelle, tinha um caracter todo esponjoso. Todo, ou quasi todo o tecido epidermico era coberto de pelos longos, dispersos, que se tornavam mais espessos á medida que se dirigiam para a extremidade pubiana.

O segundo membro que obtivemos por intermédio do abastado commerciante o snr. commandador Manoel Pereira Gonçalves, e que melhor podemos estudar, por que nos foi permittido leval-o até o Humaythá onde nos auxiliava o distincto pharmaceutico o snr. Gusmão, mesmo em caminho para esta capital, para onde não nos foi dado trazer tal curiosidade, tinha menor comprimento e mais diametro.

Tinha sido cortado a alguma distancia do pube, por isso que pouco pelle tinha, e seus corpos cavernosos já faziam um só corpo todo compacto, o que se não dá no angulo peniano onde as raizes se separam, deixando no intervallo o ligamento suspensor, as arterias e veias dorsaes, o que não encontramos.

As dimensões d'esta parte eram as sequin-

tes: da extremidade pubiana a livre era de 0^m,15 depois de retrahido como o encontramos dentro do alcool, e de 0^m,17 depois de uma leve tracção; a circumferencia era de 0^m,12 no tronco e de 0^m,12 $\frac{1}{2}$ na extremidade livre.

Á primeira vista o corpo que examinavamos parecia-nos uma pata de tartaruga; era disforme e só não parecia a entidade anatomica que representava. A extremidade livre, que devia ser a glande, era formada de um prolongamento da pelle inteiramente continua no seu bordo direito e face posterior, e chanfrada em seu bordo esquerdo e face superior; esta chanfradura dava-lhe um caracter especial que fazia lembrar uma verdadeira glande e eram em numero de tres, o que lhe dava quatro labios; todos que o viram entenderam ser a glande, o que effectivamente era. Na região onde se devia achar o meato urinario, encontrava-se um tecido esponjoso na continuação da mesma pelle e não lhe encontramos nem um vestigio de orificio. A pelle estava mais ou menos negra, e muito encolhida e endurecida, tendo uma outra chanfradura ou prega no sentido do grande eixo da verga e no lugar que devia corresponder á urethra.

As chanfraduras esquerda, superiores, eram ao contrario no sentido do menor diametro, um pouco de cima para baixo e detraz para diante.

Ali, na extremidade superior da primeira, (de cima para baixo) notei depois de algum

trabalho, um pequenino orifício que mal deixava passar uma «tonta-canulla», e que depois cessou de estar em comunicação com o canal da uretra, com a qual ainda se confunde; depois de longo trabalho consegui sem dilacerar, eu deslizar este orifício, até dar passagem a meu dedo index, o qual me trouxe o conhecimento, depois de profundamente introduzido, de um corpo central em forma de glândula. Com um exame mais detido, chegamos mesmo até a vélna, a qual tinha uma côr rosea, e um meato urinario perfeito.

Da extremidade da glândula á extremidade livre da pelle, havia 0,™08 1/2,, havendo da glândula á outra extremidade do corpo cavernoso 1,™06.

Pareceu-me muito difficil, senão inteiramente impossivel, a sahida da glândula pelo orifício prepucial.

No menos, não nos foi possível fazel-a sahir mesmo com muitos esforços. Não sei como era possível a união sexual n'estas circumstancias; algumas pessoas do lugar referem que ellas se excretam, pouco a pouco, em certa posição extravagante.

Antes dias e tentativas dizem ser precisas para esta consumação. Os corpos cavernosos pareceram-me regulares e a verdadeira uretra estava em sua face posterior. A explicação que podemos dar do grande desenvolvimento do prepucio é o ter esta tribo o habito de trazer a verga toda intaniçada, depois de

repuchado o prepucio e dobrado sobre ella, circumstancia que explica a esponjosidade da extremidade livre, a chanfradura da face posterior, etc.

E foi assim, envolvidos em palhas e cipós, que foram encontrados os que descrevemos.

E como esta pratica tenha remanado de longos annos, já houve tempo sufficiente para que se estabeleçam factos de herança de paes a filhos e nettos.

Aproveito a occasião para referir o que nos narrára em presença de alguns companheiros de viagem, o respeitavel commerciante d'aquelle Rio, o sr. Monteiro: — Ha indios, como elle já viu, cuja parte aqui descripta pôde vir até ao pescoco.

O sr. commendador Manoel Pereira Gonçalves, residente em Posto Grande, no Rio Madeira, e pessoa illustrada, muito contribuiu com o valor da sua amizade e sympathia para que eu escrevesse estas linhas no seu interessante annuario.

Sergipe, junho de 1888.

Dr. Ulysses Faro.

*Ver pagina 81 do Relato
rio do Sr. Ulysses Faro na
Magazine (vol. IV)*

SONETO

O mundo é sempre assim... Ama o fidalgo
A pompa, o fusto de real caçada,
E após em sua sala apainelada
Amaziar o pelo do seu galgo.

Aquelle — marinheiro destemido —
Ama o lutar infrene contra as vagas,
E em levando o batel a longes plagas
Tem realizado o sonho seu querido.

Aquelle outro o prazer acha no jogo,
Que traz lhe a alma gelada, o craneo em fogo...
Quão entus vive sô dos aureos brillos.

Agora eu só vivo e goso quando
Vejo — grupo gentil — tranquillo bando,
Alegres a brincar — meus quatro filhos.

Fernandes Bello.

GUERRA DE DUAS ROSAS RIVAES



GUERRA da rosa branca com a encarnada, teve lugar na Inglaterra, originada entre o filho do príncipe Negro, Ricardo II, rei d'aquella nação, no qual findou a dynastia dos phantagenetas, e Henrique de Lencastre.

O primeiro era aborrecido dos seus, e o segundo, seu primo, aproveitando a occasião favoravel de Ricardo lançar um pesado tributo ao povo, declarou-se seu inimigo em favor do publico, aprisionando o rei seu primo, e o fez assassinar em 1399, subindo ao throno com o nome de Henrique IV.

D'aqui teve lugar a origem da guerra das *duas rosas*, por ser uma, a branca, o distinctivo da casa de York, a de Ricardo; e a vermelha, de Henrique de Lencastre, guerra que durou trinta annos.

A cabeça de Ricardo foi exposta ao publico nas muralhas de York por Margarida de Anjou, filha de Renato de Provença, rainha sua rival e mulher de Henrique VI, collocando-lhe

na cabeça por escarneo, uma corôa de papelão.

Em 1463, Margarida pagou a sua ferocidade tendo que refugiar-se em França, depois de deixar seu marido prisioneiro na batalha de Exham, e captivo na celebre torre de Londres, d'onde só quatro annos depois sahio, para de novo tomar as redeas do governo, dando batalha ao inimigo em Barnet, sendo este traçoceiramente enganado pelo duque de Clarence, outr'ora seu partidario e irmão do rei Eduardo IV, que abraçou a causa da rosa branca, sendo o filho de Henrique VI assassinado por dous irmãos de Eduardo. Seu pae foi acabar na torre de Londres ás puntaladas do duque de Gloucester, irmão de Eduardo IV, enquanto o rei seu rival tomava assento no throno. A rainha Margarida foi a unica que escapou de sua familia a estes assassinatos a troco de resgate, e já viuva e sem filhos, foi carregada de luto, abrigar-se novamente em França, onde falleceu.

Eduardo IV, depois de fazer matar seu proprio irmão, o duque de Clarence, tambem morreu envenenado pelo duque de Gloucester, seu irmão, em 1483, o qual tomou o leme de Inglaterra, mandando em seguida degolar na prisão da torre de Londres os seus dois jovens sobrinhos, filhos de Eduardo, tomando elle o nome de Ricardo, III, deixando o de protector, fazendo tambem refugiar sua cunhada em Westminster, mas suas crueldades tiveram fim

em 1485, na batalha de Bosworth, onde foi morto, sendo elevado ao throno Henrique VII, parente da *casa da rosa vermelha*, que fez junção com a da *rosa branca* pelo seu casamento com a filha de Eduardo IX, Isabel.

Assim terminou a contenda das *duas rosas* rivaes, formando um bouquet, humedecido com o sangue tepido das batalhas e assassinatos, quando se uniram!

M. B. Costa e Silva.

CHADADAS

Na musica ando, — 1
Um jogo usual: — 2
E sivo, e varro
A Patriarchal.

Mostra que li a primeira — 1
A segunda é do moitudo, — 1
E o que dizem ambas juntas
Ha no Tejo, Douro e Minho.

(FRAGMENTO)

A ANTITHESE

(ROMANCE)

CAPITULO I

O rapto



NA por uma noite tormentosa do
mez de novembro.

As cataractas do céu abriam-se para jorrar golfadas de agua-
ceiro que reflectiam nas pedras da
calçada como o estusiar de fogos
da terra em campo de mortos. O
frio norte, perpassando agudo pelos braços des-
pidos das arvores enfileiradas a um e outro lado
do caminho, produzia um como assobio medon-
ho de feras, entre cortado a espaços pelo rouco
estampido do trovão, que os ecos do descam-
pado repetiam mil vezes, como despenhar de
catadupa poderosa em insendaveis profunde-
zas. E o vento redobrava o seu gemido melan-
colico; e a chuva, cada vez mais intensa, já en-
chidas as partes mais baixas, trashordava pelo
leito da estrada como torrente a qual mão
ignota houvesse mudado o costumado curso.

Tinham soado as 11 horas no longinquo

— Obrigada! respondia abafada em soluços uma voz suave como o murmurar de arroio que escorrega em meandros pela varzea, — mas que noite, meu Deus! Tenho medo, Gastão! Esta tempestade... Oh! que noite fatidica!... Não, não pode ser?... Amas-me, Gastão?

— Violante, para que m'o perguntas? Agora poderás duvidar de mim?

— Não; mas é que temo perder-te, a ti, para quem vivo! que me abres um céu de felicidade!

— Como a onda busca a praia para depositar-lhe no seio escandecido pelos ardores do sol a conchinha gotejante d'aljofre que a refresca e prateia e volta n'um constante anseio de beijal-a e trazer-lhe em flocos de neve a seiva do seu amor, assim eu amo-te, Violante, na effusão do cervo que encontra a fonte de agua que o desaltera!

— Obrigada! Mas não sei que febril presentimento me agita n'este instante. Dir-se-hia que te não tenho aqui, a ti! ao meu salvador! Tenho medo... Vês como me arfa o seio?... Agita-se-me o coração de uma maneira desusada...

— Nada receies, louquinha! Eu estou ao teu lado; já agora nada pôde contra o meu amor. Não tenhas medo! A tempestade foi medonha, na verdade; mas a chuva diminuiu, e o vento já não sibilla como ha pouco. Agora nada temas!

E já a distancia da encosta em que se as-

sentava o vetusto monumento e voltando sobre a esquerda do caminho, produziu o signal ajustado. Logo, desenha-se na sombra Antonio, trazendo de redea o cavallo impacientado pela chuva e como que farejando na escuridade.

— Guarde-a Deus, minha senhora! A noite foi medonha; mas as nuvens já descambam para o poente. Terão boa jornada; é só estugar o trote.

— Bem, Antonio. És um leal amigo. Agora até lá... Quando chegares, nada digas da noitada que te dêmos, ouviste?

— Sim, meu amo e senhor! A bocca serve-me só para comer, quando se tracta do snr. D. Gastão. Leve-os Deus em boa companhia!

— Obrigado!

O cavalleiro d'un salto montado e guindada Violante para o collo, guiou o bravo animal como quem lhe conhecia os brios, na direcção do solar e povoação adjacente.

As nuvens ainda ha pouco da côr da terra, começavam a deixar entrever os brilhantes do firmamento, e a lua como a medo ora descubria uma das pontas do crescente, ora vellava essa parcella de luz nas dobras do manto alvacento dos vapores aereos. E a chuva, adelgaçando-se, respingava apenas um como orvalho vivificante. Já no extremo horisonte ficava mergulhado na opacidade o monumento das virgens do Senhor, e Violante, em presa a sensações mais suaves comprimia contra o seio a mão possante que a segurava. Pouco e pouco as brisas da manhã

volitando pelas campinas que se estendiam a perder de vista, banhadas pelo crepusculo matutino e esparzindo nos ares o grato aroma do tomilho e do feno campestre, affirmavam a proximidade do termo da jornada, no cuidado que a natureza parece ter posto em circumdare de encantos a morada do homem; e nos sinceiras de emrota casavam-se suaves modulos com os effeitos cambiantes da luz da aurora.

Antonio A. dos Santos Silva.



CHARADA

Que sou doce, uma especie,
Ninguem pôde duvidar,
E que antes de ser, já tive
O que faz rir e chorar — 2.

Deixando a materia inerte,
Já essencias sublimadas,
Homenas vidas, eut'ora,
Nos foram sacrificadas — 2.

Mas e todo.. quem diria!...
Eu explico, se consentes...
— Verás bem entretecidos
Alguns dos metais luzentes.



UM COMPROMISSO ANTIGO

Em abril de 1858, en havia chegado ha pouco tempo ao Pará, onde era empregado da casa commercial dos snrs. La Rocque & Irmão, que n'esse tempo mantiha avultado commercio com o interior das duas provincias da *Amasonia*.

O snr. Luiz de La Rocque, gerente da casa, ordenou-me que fosse á gerencia da companhia do Amazonas procurar o commandante Leal e pedir-lhe um *collyrio* — que este ficára de trazer-lhe de Manãos. O vapor do *sertão* tinha chegado algumas horas antes. No escriptorio da companhia, á hora que alli entrei, estariam além dos empregados de terra, todos os commandantes dos vapores surtos no porto, que se haviam reunido para cumprimentar o seu collega recém-chegado e informarem-se das peripecias da viagem.

N'aquelle tempo, quando um commandante de vapor fundeava o seu navio no porto

de Belem, respirava a pulmão largamente e saltava em terra com o aprumo de um almirante que acabasse de vencer uma batalha! Tal era o asombro que lhe causavam as innumeráveis ilhas que bordam o leito d'esta colossal arteria da America do Sul, chamada — Amazonas, a despeito de, por entre essas mesmas ilhas, subirem e descerem, desde remotas eras, mais de cem embarcações de vella, annualmente, algumas de calado superior ao dos vapores com que a companhia do Amazonas iniciou a sua navegação. De chapéo na mão, dirigi-me a um cavalheiro idoso que, encostado do lado de fóra do balcão que separava o escriptorio, fumava um charuto, e affagando as suizas á ingleza, parecia completamente estranho á conversa que dentro ia animada. — Era o velho Barros. — Faz-me o obsequio de informar, se está aqui o snr. commandante Leal? — Olhe, é aquelle. E com o charuto entre dois dedos, designou-me um official de marinha que, notando o movimento, perguntou-me do lugar onde estava:

— O que deseja? — O snr. Luiz de La Rocque manda pedir a v. s.^a que lhe remetta a encomenda que prometteu trazer-lhe de Manaus, caso não se tenha esquecido d'ella. — Não esqueci, não senhor, disse elle com uma voz aspera, agarrando o bonet que tinha sobre uma meza. E caminhando para a porta, disse-me: — Venha commigo. Enfiou pelo corredor, atravessou a antiga rua do « Açougue » e

entrou n'uma casa asobradada, que faz canto para a travessa das Gaiotas. Entrei tambem, mas não tive necessidade de ir além do tope da escada, por que já elle voltava a encontrar-me com um vidro de quatro onças na mão, agitando um liquido semelhante a leite, o qual me entregou, dizendo:

— «O melhor meio para usar este remedio, é embeber n'elle uma rama de penna de gallinha depois de o agitar como eu acabo de fazer, e deixar cahir dentro da palpebra do olho doente, duas gottas, tres vezes ao dia.» — Agradeçi e retirei-me. Momentos depois, fazia entrega do vidro e transmittia as instrucções que havia recebido. No dia seguinte sahio a passos largos do escriptorio para a rua, o sr. Luiz de La Roche, e parando a meio caminho do armazem dirigia-se a mim, pela seguinte forma: — O' sr. T., então você foi hontem ao escriptorio da Gerencia da Companhia pedir ao commandante Leal, o vidro de — *collirio* — deante de todo aquelle povo que lá estava?!... — Mas o senhor não me preveniu que o devia fazer em segredo. — Ora essa! replicou elle, virando as costas e proseguindo o seu caminho.

E' de suppor que, mentalmente, fosse dando-me um qualificativo que talvez por delicadeza não exprimiu, e que certamente não me seria lisongeiro. Fiquei apprehensivo a conjecturar na origem de tão singular pergunta, mas não atinei com ella. Os meus collegas Baltha-

zar Castiço e José da Cunha Moniz, aquelle já fallecido e este residente na cidade do Porto, estavam presentes e inquiriram de mim o que se havia passado a tal respeito, no dia anterior, mas, como eu, não encontraram o fio da meada.

*

Decorreram quatro annos e a minha vinda para Manãos em 1862, porporcionou-me occasião de conhecer na intimidade o nobilissimo character do commandante, Antonio José Pereira Leal, que, desde então, sempre me distinguia com sua amizade e attenções, ás quaes correspondia como podia.

Se não me falta a memoria, foi em 1877 que embarquei pela ultima vez com elle no vapor «Marajô». Era este o navio de melhor marcha e accommodações para passageiros que até então a companhia tinha possuido e como tal lhe tinha sido entregue em signal do muito apreço e consideração em que a gerencia tinha os seus serviços.

No segundo dia da viagem, ás 8 horas da manhã, perguntei a um creado onde estava o commandante.

Respondeu-me que ainda estava no camarote e tinha passado mal a noite. Dirigi-me para lá e fui encontral-o deitado n'uma rede.— Que é isso, commandante? — Não é nada; são os liames d'uma canastra velha que se estão partindo.— Mau! isso não é proprio de um espi-

rito forte como o seu... — Mas é que eu 65 que tenho ás costas, pesam que parecem arrobas de chumbo; tu hades vê se cá chegas. — Pois creia que estou nas melhores disposições de espirito para isso. — Acredita; mas senta-te, homem; e apontou para uma cadeira de ministro que estava junto a uma secretária. Sentei-me e continuamos a conversar relativamente aos encanamentos que o retinham na rêde: foram sofismas antigos que principiavam a resistir aos medicamentos a que promptamente cediam anteriormente. N'estas descrições, miudamente feitas por elle, havia um desalento que me impressionava.

A principal origem, porém, elle calava-a e parecia até ter receio de se referir a ella; mas eu conhecia-a perfeitamente. Extremadíssimo por toda a familia, para quem sómente vivia, via morrer-lhe nos braços um filho no alvôr da mocidade e que ao desprender-se da vida levava-lhe uma grande parte das suas esperanças.

Desde então houve uma mutação perfeitamente visível n'aquelle espirito, anteriormente sempre disposto a facecia, sem nunca ultrapassar as raias das conveniências. Por associação de ideias e para lhe desviar o pensamento, referi-lhe o que me havia succedido em 1858 por causa do vidro de — *collyrio* — que d'elle tinha recebido. E com surpresa da minha parte, disse-me entre frouxos de rizo: — Recordo-me perfeitamente d'isso; o — *lembrete* — foi encomendar minha. — Ora, fico-lhe muito obrigado

pelo favor!... que razões teve o senhor para isso? — Não tens que agradecer se não a ti próprio; fica sabendo mais que o Luiz fez-te isso mais barato — Mas explique-se; veja-me onde está a inconveniência por mim praticada. —

Ora onde está a inconveniência por ti praticada!... tu não pedistes um vidro de — *collyrio* — como te foi ordenado.

— O que pedi então? — Uma encommenda, homem de Deus! — E porque não corrigiu o senhor o meu pedido? — Porque seria peor a emenda do que o soneto, pois preferi que o gerente ficasse na duvida se encommendava no meu navio encommendas de graça para os amigos, a que os collegas reparassem na minha justificação. — Está bem, estou satisfeito. Mas é notavel que decorridos tantos annos, se recorde d'um facto tão insignificante com todos estes detalhes! — E porque elle se prende a outros que logo te hei-de referir. Mas olha, filho, tu não calculas a quantidade de gente que tem ficado curada da doença dos olhos com esse maravilhoso — *collyrio* — que então levaste! — Mais de uma pessoa me tem fallado d'elle com o mesmo enthusiasmo que o senhor manifesta; é preparado pelo major Lemos, pharmaceutico em Manãos, não é? — É esse mesmo; andei uns poucos de annos a rogar aquelle *gato amarelo* para me ensinar a formula, sem nada conseguir e sempre em resposta ao meu pedido me dizia: — dou-te até pipas do — *collyrio* — sem que com isso despendas um vintem;

mas a — fórmula, — estás-te... ninando! não lhe pões os olhos em cima, nem que chores pitangas! Effectivamente, tem-me dado dezenas de duzias de garrafas, sem que de modo algum tenha conseguido que receba dinheiro por ellas. Eu sabia que a fórmula era do coronel Tapajós, por confusão do proprio Lemos. Procurei abordar muitas vezes aquelle camarada, para ver se a conseguia; mas o velhaco punha-se a bordejar e por fim, com uma habilitade rara, cortava-me a prôa e fazia-se ao largo! Veio, porém, um dia, em que elle precisou que eu lhe prestasse um pequeno serviço, d'estes que acanham quem os pede e dão satisfação a quem tem occasião de os prestar a um amigo velho, como eu sou do Tapajós.

— E o sr. prevaleceu-se disso para... — Não, homem; conheces-me e sabes que sou incapaz de praticar uma tal acção. — De accordo; por isso mesmo principiava a surprehender-me. — Fois então não te esbofeteies, sem veres o sento sudario... No mesmo dia, o homem voltou a bordo e entregando-me um papel disse: — Ha muitos annos que andas curioso por conheceres a fórmula do collyrio que prepara o Lemos: aqui a tens; guarda-a e não deixes que pessoa alguma a veja; d'ora em diante somos tres que a possuímos. Decorei-a e guardo o papel em lugar só de mim conhecido.

Lembro-me, porém, que o Tapajós, Lemos e eu, estamos dados em despesas; vou ensi-

nar-te a fórmula para que a mandes publicar logo que o Lemos fallecer.

— Deixe-se d'isso commandante; o velho coronel Tapajós que anda em Manãos com as pernas *intaniçadas* levantando-se a toda a hora da noite para acudir desinteressadamente ás chamadas de quem tem doentes, até debaixo de chuva, não duvido que em um dos proximos annos venha a succumbir, tanto mais se continuar a capital a ser inficcionada da *variola*; mas o senhor e o Lemos, têm compleição para irem além dos 60 annos — Enganas-te; o Lemos, coitado! também tem seus achaques; vamos navegando com agua aberta nos porões; não podemos ir longe meu T...

— Enquanto as bombas funcționarem, não ha novidade. — Mas é que ellas só trabalham com muito exforço. — Em tal caso é melhor entrar no quadro dos desarmados. — Safa!... para sermos devorados pelos tãreis! N'essa occasião entrou um creado e perguntou se queria que lhe servisse o almoço no camarote. — Não; o commandante vai á meza, respondi eu; e virando-me para este: — Vamos continuar lá a palestra. — Relativamente ás bombas? — Não; lá fallaremos sobre calafetos. — E sobre calafates; pois vamos lá. — Então vista-se que vou esperal-o á ré. — Vem cá, homem, tens ahí a carteira? — Porque? — Quero que tomes nota da receita. — Temos tempo para tudo; vista-se que depois do almoço trataremos d'isso. E como eu me fosse retirando, gritou elle: — Ó

castanho d'uma figa, demora-te, do contrario não vou lá. — Mas attenda que os passageiros estão esperando. — Pois deixa-os esperar; toca a campainha. — Por esta vez, passa, disse eu, agitando a campainha; para outra, queira preceder sua ordem *d'un faz favor*. — Vocês depois que a «Tribuna» desappareceu, andam muito altaneiros! — E o senhor muito contrariado por já não ter onde escrever. Prompto, disse um creado que attendeu ao toque da campainha. — Dize ao snr. immediato que vá almoçando com os passageiros. — O snr. immediato já os convidou a sentarem-se à meza, mas elles recusam fazel-o sem o snr. commandante estar presente. — Está bem; já vou; olha, leva d'aqui essa bandeja com podim. — Ora aqui temos um facto, disse eu, que comprova a opinião que algumas vezes tenho feito, de que a primeira posição social no Pará e Amazonas, é a de commandante n'um navio da companhia do Amazonas: diga que não. — Tu cantas d'esse modo depois que o Guimarães te retirou os fornecimentos. Achas tu muito extraordinario que tendo-os tratado hontem a *pdo de lá* ao almoço e ao chá, elles aguardem a minha chegada para me comerem o podim que lobrigaram sobre a secretária! — Eu nada tenho que responder na parte que me diz respeito, desde que o snr. terminou por fazer injustiça a todos e até a si proprio. — Sim senhor!... já te conheci o jogo desde o principio, mas ha-dees gramar a incumbencia, embora

te custe -- Não; não me custa isso, mas acho que vem fóra de tempo -- Não te dôa a cabeça por isso; escreve lá. Saquei da carteira e elle ditou o seguinte:

«1 colher (sopa) de alvaiade.

«1 dita de vinagre branco muito bom.

«1 dita de assucar grosso.

«20 ditas de agua.

«Passe-se um pouco de sulfato de cobre na agua, 6 ou 8 vezes. Cõe-se e metta-se em garrafas».

A previsão d'aquelle lucidissimo espirito, realisou-se; no periodo de poucos annos baixaram á sepultura aquelles tres prestimosos cidadãos, que, tão fundas saudades deixaram á sociedade Amazonense!

Para desempenhar-me do estranho compromisso que contrahi, julguei acertado relatar as minudencias que lhe deram origem, sem pretensões a fazer estylo. A fórmula aqui fica archivada neste livrinho, para quem precisar e quizer aproveitá-la. Praza a Deus que ella encontre propagadores das suas virtudes, tão nobres e desinteressados, quanto o foi o capitão de mar e guerra Antonio José Pereira Leal, de saudosissima memoria.

Manáos.

T. S.

RECADO AMOROSO

Areceba este um piqueno bilhete certo me
 dexar ponbiu certo me dexar coração não
 medexas anjinho qe eu não eide fazerte trai-
 ção meu querido namorado B.. areceba um
 beo ium abraço de poi quero arsposta de
 isto adeus querido anjo eu não tenho qe dizerto
 mais de mi M. J. A, só qe te digo lenbrça atoa
 ginda naris do pato ganço.



À NOITE

Bem haja, negra noite, teu quanto matizão
 D'estrellas, qe fulguram com tibia claridade;
 Bem haja de tuas brisas o sopro perfumado;
 Bem haja de tuas sombras a immensa magestade,
 Habitam tuas trevas espiritos medrosos
 Que correm e se agitam em louca confusão,
 E o vento entre as folhas, com sons mysterios's,
 Imita os acordes de magica canção.

O zephyro suspira perdido entr'as flores;
 A lua scintillante, reflecte sobre o mar;
 Entoam os insectos suas praticas d'amores;
 Caminha e largo rio com surdo murmurar.

Noite, tu dás á alma benefico consolo
 E adocças a existencia de nosso pobre ser!
 Refugio do que soffre, do caminhante anjelo!
 Por isso, noite, tens um nome de mulher!

Angel del Palacio.

Tradução de J. Abril.

SPECIMEN EPISTOLAR

Meu querido amigo e irmão.

Estim que gozas a perfeita, e feliz saúde. Em quanto eu e meu collega S. . . estemos gozando a perfeita e feliz saúde graças a Deus. Participo que o meu correspondente F. . . Faleceu o morreu em 15 de Maio do Domingo, a qual elle era para embarca no dia 18. de Maio, para Lisboa, a qual eu fiquei muito fatigado, que agora, não sabendo da familia, que eu aqui no P. estou sem correspondente, e a agora? não ha outro remedio se não, o meu pai, mandar-me buscar, e se não mandarem-me buscar eu, matto-me, o então murro, não pela minha sabedoria, mais é pello meu correspondente, murro, porque eu não posso ficar sem correspondente, porque todos meus collegas dizem que eu não tenho nem um par de botas para festi no C. . . as vezes um do meus collegas jogam, algum par de sapatos Velhos, e eu foi buscar para mim, é so isto que eu, pesso-lhe que peça para meu pai mandar-me buscar

peço-lhe que tenha dó, de mim, tenha piedade
de mim,

Seu amigo que muito lhe estima do cora-
ção.

A...

LOGOGRIPHO

(Ao Ill.^o Sr. José Guzmán da Select Anarch)

De pano ou de papel — 4, 2, 8

E no pezo que se dá — 4, 8, 2, 7

Habitando nas paredes — 2, 7, 4, 8

No istmo de Panamá — 6, 2, 7, 1, 8

No campo sou encontrado — 8, 2, 7, 0, 8

De dôr ou contentamento — 1, 2, 5, 4, 8

Reverenciada em Carthago — 6, 5, 6, 8

Na escriptura ou testamento — 6, 3, 4, 7

O logogrifho está feito;

Mas não m'atrevo, lhe juro,

A engendrar o conceito,

— E' um sentimento puro,

Que brata d'este meu peito.

Humayta

Antonio José Abril.

Alexandra de Paula Brito Amorim

COMPLETAM-SE hoje sete annos que se extinguiram as derradeiras palpitações de uma existencia preciosissima, mas o que não morreu, o que nunca perecerá, é a memoria saudosa do homem exemplar que transitou por este mundo pela senda recta do dever e da honestidade.

As presentes linhas biographicas não são mais do que um preito saudoso tributado á memoria d'esse cidadão prestante e como que um ramo de violetas deposto sobre o seu tumulo venerado.

O commendador Alexandre de Paula Brito Amorim nasceu nos Arcos de Val de Vez, em Portugal, em 15 de outubro de 1831, sendo filho de Francisco Joaquim de Amorim e de D. Maria Victoria de Brito Aranje.

Aos 18 annos deixou a patria, embarcando com destino ao Pará na barca «Flôr do Vez».

onde chegou em 14 de julho de 1840. Principiou alli o seu tirocinio commercial, empregando-se como caixeiro no estabelecimento de Antonio Marques de Carvalho e taes provas deu de honradez e de aptidão, que pouco tempo depois era convidado por José Gualdino da Silva a estabelecerem-se ambos de sociedade em Manaós, então Barra do Rio Negro, para onde embarcou em 14 de novembro de 1851 no barco «S. José», chegando alli em 22 de dezembro.

A sua casa commercial abriu-se em seguida sob a firma Silva & C.^a

Em 1853, correndo pouco prosperos os negocios da casa matriz no Pará, dirigida pelo seu socio Gualdino, a filial soffreu uma paralyzação nas suas transacções, o que deu lugar a Brito Amorim terminar os negocios da firma Silva & C.^a, estabelecendo-se de conta propria e mais tarde sob a firma Amorim & Irmãos.

Dotado de um genio activo e empreheendedor e gosando de um largo credito, ligou o seu nome aos progressos da provincia do Amazonas em varias emprezas, mal julgando talvez que mais tarde tão pouco reconhecidos seriam os seus importantes servicos.

Em 2 de dezembro de 1853 foi nomeado vice-consul de Portugal na provincia do Amazonas e seu districto e n'esse espinhoso cargo tão consideraveis foram as suas diligencias pelo governo portuguez, que tendo pedido a sua exoneração depois de 17 annos da mais labo-

riosa actividade, a muito custo foi attendida a sua solicitação, obtendo a final a exoneração por decreto de 5 de outubro de 1870. Comtudo, em attenção aos relevantes serviços que prestára, o governo conferiu-lhe as honras de vice-consal honorario por decreto de 7 de março de 1874.

Brito Amorim casara em 14 de novembro de 1857 na cidade de Manaus com a ex.^{ma} sur.^a D. Lina de Castro Brandão, dama de preclarissimas virtudes.

Por decreto de 2 de agosto de 1859 foi agraciado pelo chorado monarcha D. Pedro V com o grau de cavalleiro da ordem de Christo e mais tarde, por decreto de 14 de dezembro de 1871, com a commenda da mesma ordem, pelo snr. D. Luiz I.

Cumpra-nos agora referir dois elevados commettimentos praticados pelo nosso biographado e dos quaes provio um grande impulso ao commercio do Amazonas, como provam os proficuos resultados que de todos são conhecidos e os quaes são verdadeiros padrões de gloria para Alexandre Amorim.

Em virtude da lei n.^o 158 de 7 de outubro de 1866, sendo presidente d'esta provincia o ex.^{mo} dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira, organison Alexandre de Paula Brito Amorim a empresa «Companhia Fluvial do Alto Amazonas», e tal energia desenvolveu que em pouco tempo sulcavam as aguas do Amazona, e seus affluentes os vapores «Madeira», «Pirús» «Ja-

mary», «Ariman» e «Guajará», aproximando-se com elles as relações commerciaes e officiaes da capital com o interior da provincia, que até então luctava com embaracos nas suas communições, contribuindo isto, como é claro, para o acanhamento das transacções commerciaes.

Narrar todos os esforços e todas as contrariedades que Amorim teve de vencer para a organização da empresa é trabalho a que não nos propomos, mas que é facil imaginar. Bastará dizer que nenhum dos homens que então habitavam esta provincia seria capaz de vencer as difficuldades com que luctou Alexandre Amorim. Para as contrariedades que se lhe antepozham, possuia o nosso biographado uma força de vontade excepcional e para os desgostos, na guerra que lhe moviam, tinha uma resignação exemplar; por isso, longe de vacillar perante os obstaculos que entorpeciam as suas generosas aspirações, serviam-lhe elles pelo contrario de incentivo para novos commettimentos. Assim em 1872 contratava com a presidencia da provincia, em virtude da lei n.º 212 de 27 de maio, a navegação directa entre a capital e Liverpool, pelo espaço de 20 annos, sendo todas as clausulas do contracto approvadas pela lei n.º 257 de 30 de abril de 1873, e mais tarde ampliasdas pelo n.º 202 de 13 de maio de 1874.

Foi o vapor «Mallard» que inaugurou esta nova carreira, e com ella o commercio do Ama-

sonas e especialmente da capital; desenvolveu-se progressivamente, augmentando assim tambem os rendimentos geraes e provinciaes, ao mesmo tempo que a praça de Manáos se ia livrando da dependencia da praça vizinha.

A patriotica Assembleia Provincial, tomando na consideração devida os esforços de Brito Amorim na organização d'esta empresa, resolveu que uma commissão especial lhe fosse significar o seu agradecimento, achando-se este facto assim descripto nos Annaes da Assembleia:

«Sessão de 4 de maio de 1874. — Presidencia do sr. coronel Tapajós — Ordem do dia
 «— 1.ª parte: — O sr. deputado Leão leu e mandou á meza o seguinte requerimento: —
 «Requeiro que seja enviada uma commissão para em nome d'esta assembleia cumprimentar ao commendador Alexandre de Paula Brito Amorim, empresario da navegação directa, entre o estrangeiro e esta provincia; agradecer-lhe os valiosos esforços e sacrificios prestados a ella para sua emancipação e engrandecimento, e manifestar-lhe o jubilo de que está possuida esta corporação por vêr a Lei n.º 242 de 27 de maio de 1872 traduzida sem realidade no Amasonas. Paço da Assembleia legislativa provincial do Amasonas, 2 de maio de 1874. — O deputado Miranda Leão.
 «Posta em discussão, o sr. Nina, manda a seguinte emenda: — que a meza dirija em nome

d'esta assembleia — que foi approvada com o renhecimento.

Apesar d'esta demonstração justíssima da Assembleia Provincial para com um homem a quem a provincia devia os mais assignalados beneficios, faturus contrariedades estavam reservadas a Brito Amorim, pois que dois annos depois foi-lhe abruptamente rescindido o contracto pelo então presidente da Provincia, bacharel Antonio dos Passos Miranda que com isto deu prova exuberante das suas ideias *progressivas* e dos seus sentimentos de recta justiça.

De medida economica de tanto alcance, gerada pelo espirito do bacharel Passos Miranda, que para tal fim obteve na Assembleia Provincial uma maioria a seu geito, recorreu Alexandre Amorim para os tribunaes competentes e só depois de enfadonho e dispendiosissimo pleito, triumphou a justiça da sua causa, em grau de appellação para o Supremo Tribunal de Justiça, que condemnou a Provincia a pagar-lhe todos os seus interesses na referida empresa.

Essa indemnização porém não foi paga até a presente data e assim, tendo fallecido Brito Amorim em 20 de junho de 1881, não conseguiu elle ver realisado o producto de 30 annos de trabalho, acompanhados de penosissimos sacrificios.

Brito Amorim deixou sua familia em pre-

varias circumstancias, apesar de em poder da Provincia, á qual dedicára os melhores dias da sua vida e onde constituirá familia da qual procedem cidãos prestimosos que seguem as honrosas tradições do seu progenitor, existir uma quantia que bem a podia pôr a salvo de quaesquer difficuldades.

Oxalá que a Provincia do Amazonas cumpra um dia o seu dever de honra, entregando á familia do mallogrado commerciante o que de direito lhe pertence.

Nós, que somos gratos á memoria de Brito Amorim pelas vantagens que gozamos da navegação a vapor por elle iniciada, aqui deixamos consignado o nosso reconhecimento á sua indelevel memoria.

Rio Madeira, 20 de junho de 1858.

Manoel Pereira Gonçalves.



ESTYLO SINGULAR

Ill.^{mo} Sur. Y...

Chego aos pés de V. S. para rogar-lhe como meu patrão, que me acho hoje em dias de baixo do seu dominio: para V. S. ter a bondade de aviarme com os objectos que em minha notta segua.

V. S. disculpando-me a minha expressão que abaixo me refiro.

Tendo eu, dezejo de me casar: e como de cujo já pedir, uma moça para Este fim. Então achando eu, tanto ella disprivinidos de todos quantos é necessarios. Então derijo a V. S. a minha rogativa, como meu patrão e como pai de familia: para fornecer-me de tudo quanto for preciso.

D.^o G.^o a V. S. por muitos annos S. de V. S. um menor e Obd.^o Cr.^o resp.^{doe}

CHAROAS NOVESSIMAS

Esta vogal é grande affecto — 1 — 1

No navio, no navio e no navio — 2 — 1

Na musica, no moinho e no escalor — 1 — 1

Está alegre esta vogal e corre — 1 — 1

Na cepa, no campo e no rio — 2 — 2

A. J. Abril.

RECEITAS

Para o Sen. Doutor...

Emedio para menino q soffr a deis mes
 orina froto dedia mais abrandã e denoti aperta
 mais.



Sinr... ahi vai esta reseita para Vm.º
 mandar algum remedio pello o portador deste
 a tres mezes que soffro um mal muito grande
 mesmo des' mantello de milho de meio dias
 para a tarde mi inxa os pes de manham os
 olhos u pado o meu rjume não esta como era
 a thê já sinto um cansaso e uma xiadeira do
 lado direito e um frivado por toda a Barriga
 e já tomei dois purgante de manona e um de
 laruar não tive melhora alguma. Sou uma
 Viuva de Boa Vida pois seio con serteza en
 tendo cauzo é uma molestia grave.



CHARADA TRIANGULAR

(POR SYLLABAS)

Mimosa avésinha,
 Na igreja verá.
 E n'esta quadrinha
 Nada achará.

Currallabo - Pará.

L.



A' MINHA QUERIDA ESPOSA

MARINA EULALIA DE MATTOS SILVA

Foram tristes, tormentosas esses dias,
Que sem ti, eu passei no meu exilio;
Alentara-me a vida acobruhada,
Da Providencia o divinal auxilio.

Nas horas tristes do cahir das tardes,
Da saudade eu sentia acerba dor;
Recordando esses dias venturosos,
Cheios de tanta vida, e tanto amor,

A' noite quando triste eu só me via,
E de Morpheu nos braços repousava,
Tua imagem vinha então caudida e bella,
E de meu peito as dores minorava.

Hoje eu sou feliz vendo-me junto,
Da mulher a quem jurei eterno amor;
Acobrurou-se assim os meus tormentos,
Extinguiu-se para sempre a minha dor.

Imagem, Rio Madeira, maio 1883.

Antonio Luiz da Silva.



O EXERCITO PORTUGUEZ EM 1887



EXERCITO portuguez. em pé de paz, em 1887. era composto dos seguintes corpos em activo serviço :

- 1 Corpo de estado maior.
- 1 Regimento de engenharia.
- 5 Ditos de artilheria.
- 10 Ditos de cavallaria.
- 24 Ditos de infantaria.
- 12 Batalhões de caçadores.
- 1 Regimento de infantaria de Ultramar (com 3 batalhões).
- 1 Regimento de cavallaria da guarda municipal.
- 1 Dito de infantaria, idem.
- 2 Companhias de correcção.
- 1 Dito de reclusão.

Nos regimentos de artilheria, estão comprehendidos os corpos montados e de campanha, com excepção das companhias aquartelladas nas illhas; de batalhões de reserva de todas as armas, não mencionamos aqui.

Nos regimentos de cavallaria ou caçado-

res a cavallo (cavallaria ligeira), são comprehendidos os n.ºs 1 e 2. lanceiros, o 2.º, lanceiros da rainha e o 1.º de Victor Manoel, cujo fallecido monarcha, foi seu coronel honorario.

Tem mais as companhias de artilheria de guarnição, e brigada montada, 2 companhias de administração militar e um corpo de saude.

Não designamos aqui os corpos montados e apejados do quadro das alfandegas, 10 corpos de policia, todos fardados e armados militarmente, disciplinados, por terem caracter civil, nem tão pouco fallamos da guarnição militar do Ultramar, alli permanente, numerada em separado da do continente; mencionamos apenas o corpo Ultramarino com sede em Lisboa, porque pertence ao exercito do continente, composto de 3 batalhões que destacam para o Ultramar, cada um, de tres em tres annos.

O estado maior general é composto de:

- 1 Marechal general.
- 2 Ditos do exercito.
- 9 Ditos de divisão.
- 24 Ditos de brigada.

Para o futuro fica extincto o posto de marechal general e o de marechal do exercito só será conferido ao general de divisão que em campanha fôr digno d'esse titulo, por feitos.

O corpo de estado maior, é composto de:

- 1 General, commandante.
- 6 Coroneis.
- 6 Tenentes-coroneis.
- 6 Majores.

20 Capitães.

10 Tenentes.

O corpo de engenharia é composto de:

12 Coroneis.

29 Tenentes-coroneis.

14 Majores.

43 Capitães.

32 Tenentes.

9 Alferes.

Os corpos de artilheria comprehendem:

17 Coroneis.

16 Tenentes-coroneis.

23 Majores.

92 Capitães.

72 1.^o tenentes.

38 2.^o ditos.

88 Alferes alumnos.

Aqui deixamos comprehendidos na engenharia e artilheria, os officiaes em commando dos corpos, praças de guerra, commissões etc.

Cavallaria em regimentos, commissões e escola pratica:

20 Coroneis.

18 Tenentes-coroneis.

3 Tenentes-coroneis graduados.

22 Majores.

85 Capitães.

90 Tenentes.

77 Alferes.

79 Ditos graduados (classe extincta).

9 Ditos destacados no ultramar e dispo-

nabilidade, com a graduação de 1.^o sargentos no continente.

Infanteria e caçadores a pé:

55 Coroneis.

1 Dito graduado.

63 Tenentes coroneis.

107 Majores.

1 Dito graduado.

368 Capitães.

374 Tenentes.

318 Alferes.

81 Ditos graduados (classe extincta).

Os alferes graduados e alumnos das diversas armas, são theoreticos, e consideramos praças de pret até sua altura para effectivos, na escala da arma.

Todos os officiaes são promovidos em virtude de sua altura na escala, e só por habilitações e merecimento. Até alferes graduados, notando-se que, embora com merecimento não pretere a antiguidade e habilitações em igualdade de circumstancias, mas só até ao posto que deixamos dito.

N'esta nossa noticia, apenas mencionamos os officiaes combatentes.

O exercito tem:

12 1.^{os} sargentos de engenharia.

59 1.^{os} ditos de artilheria.

76 1.^{os} ditos de cavallaria.

443 1.^{os} ditos de infantaria e caçadores.

10 1.^{os} ditos de administração militar.

19 1.^o ditos de diversas armas, graduados em alferes, no ultramar.

As praças graduadas não são promovidas aos postos inferiores sem terem o curso dos lyceus militares, tornando assim uma classe illustrada e habilitada para qualquer profissão militar ou civil; bem como os proprios cabos só são promovidos por carta do curso de seu posto, dos lyceus militares.

Os postos inferiores são sómente:

1.^o sargentos.

2.^o ditos.

Foi extincta em 1886, a classe de furrieis.

Ha 1.^o cabo e 2.^o dito; não ha anspeçadas.

O effectivo em pé de paz é de 30:000 praças.

Entre os tenentes de infantaria figura o eminente estadista Manuel Pinheiro Chagas, em 1886, sob n.^o 122 para capitão, com a seguinte nota:

«Na conformidade do disposto no decreto de 10 de dezembro de 1851, desconta-se-lhe no tempo de serviço o decorrido de 5 de outubro de 1859, até 15 de fevereiro de 1860, e desde 15 de outubro de 1860, até 30 de julho de 1861. Em virtude do exposto na ordem do exercito n.^o 12 de 1855, desconta-se-lhe no posto de alferes o tempo decorrido desde 19 de junho de 1886 até 8 de março de 1884, que esteve na inactividade temporaria sem vencimento.»

Sentou praça em 12 de agosto de 1857 aos 17 annos em infantaria n.^o 18. Acha-se em com-

missão. Foi ministro da marinha e é lente do curso superior de letras.

Sob o n.º 21, para capitão, o tenente Augusto de Aguiar Fonseca, lente da Universidade de Coimbra. Fôra do quadro.

E muitos outros officiaes, até titulares, com graduações superiores e inferiores, em diversas commissões scientificas, de 1.º grau, ou em posições elevadas nos cargos da republica, os quaes não mencionamos para não tomarmos maior espaço n'este livrinho.

Pasto Grande, Rio Madeira.

B. M. Costa e Silva.

SALVE, VERITAS!

(A José Galltermes do Parada e Silva Leite)

Ao campo dos extinctos fui por vêr-te
ó Cruz do meu Senhor,
quando o dia decae, e vão solette
outros mundos transpôr.

Nas vascas do crepusculo és bem mais linda,
erecta, solitaria,
cobrindo com tua sombra o que ora finda
na gleba funeraria.

D'industria te busquei a hora pallida
das trevas, que lá vêm,
porque fallasses, Cruz!... Na hora callida
és muda! — eu sei o bem.

Quando a vida desbrocha, famulenta
de actividade e luz,
reclusas-te p'la fé que a conscienta
na nossa alma, ó Cruz!

Mas a sós, na calada do remanso
ou na solidão do extincto,
estillas gota a gota, e manso e manso,
na mente o que ora pinto.

Embora o nescio pense ou embaide
já findo o teu reinado,
tu és, Symbolo Augusto! eterno abside
aos quatro ventos dado!

Bojando os vaidosos d'estes dias
no pó do seu sepulchro,
sem que uma vez affrouxe o que irradias
luz e calor e paz e alho!

Por isso eu vim aqui, por conversar-te
à hora da saudade,
no dia em que te busca a moda e arte
das gentes da cidade.

Achei-te egual e mesma, ó pobre Cruz!
sedenda de faustos...
tu, para quem só brilha a doce luz
do justo agora exausto.

Aqui, um monumento funerario
cimentado de crones;
além, a estatua alvar do millionario
sem ti, que nos redimes!

Ao perto, a petulante, e vã capella
em que te plantam, Cruz,
de mêta que só brilhes fóra d'ella,
— oh! penetrante luz!

Ao longe, a urna fatua, alabastrina,
brigando a hygiene;
inda allí, a columna que se empina
de vaidade perenne!...

quando, ao la lo, a pobreza do que justo
foi como manda o Céu,
o faz jazer no chão, sem cruz, nem custo
d'altivo mausoléu!

No campo da egualdade!... Oh! quem me fôra,
por vindicar tua lei,
a dexta da Justiça! — E peza embora
da nossa idade á grei, —
qual novo iconoclasta, nivelara
no pó tantas vaidades?...!

Porque de Deus a mão, que te implantara
ao nuto das edades,
os pequeninos toma, e só se estende
ao que singello vas
do bem seguindo a méta, ao que não rende
o mal que tudo attrae!

No chão das sepulturas, ó Cruz Santa,
só a virtude erige,
incorporea, útil base á tua planta,
caixilho á tua effig'e!!

* * *


Por isso eu te busquei, porque o lembrasse,
á hora da saudade,
ao que, bem que vaidoso, inda te amasse
das gentes da cidade.

1880.

Antonio A. dos Santos Silva.



HASCHISCHINS

 Assim se chamou uma *ordem religiosa e militar*, iniciada nas fronteiras da Persia septentrional no anno de 1090, epocha das cruzadas.

Fôra tristemente celebre a nomeada que aquella ordem alcançou sob o commando do seu chefe Haçan-ben-Sabath-Homairi.

Haschischins é a designação que pôde propriamente dar-se áquella seita, derivando-se-lhe o nome de haschich, bebida arabe que embriaga, mediante a qual o chefe conseguia lançar os adeptos no dellyrio desejado, para haver d'elles o appoio que ambitionava. Mas a denominação que n'aquelle tempo o vulgo consagrou, e que apparece na historia para assignallar ignominiosamente os feitos d'aquelles barbaros, é a de Assassinos.

Haçan-ben-Sabath-Homairi que os capitaneou, teve por cognome — *o velho da montanha*. O argucioso barbaro por tal modo se insinuava no espirito dos seus sectorios, que não havia de entre estes um, que não obedecesse passivamente ao absolutismo do encanecido chefe.

Quando ao velho da montanha parecia oportuno exhortar os adeptos, distribuia entre elles anticipadamente e prodigamente o haschich. Os barbaros crentes iam então adormecendo, soando-lhes no ouvido as apostrophes guerreiras do audaz e manhoso aventureiro. Ao despertarem dos magicos sonhos, desejosos de realisar as glorias gonhadas, faziam prodigios... de morticínio!

A celebre invasão mongolica em 1256, dirigida por Houlagou, deu cabo da existencia d'aquella seita horriavelmente deshumana.

Pará.

C. M. L.




CHABADA

De madeira? de metal?
 Te de gente? tal e qual — 2
 De gente? Sou medida,
 Te do proprio vegetal — 1.

Eu nunca fui acima
 Das cousas que no alto estão
 Ch' em baixo é que me vejo
 E sempre em baixo me verão.

Manicoré.

Aristides C. Moraes.



AS MÁS COMPANHIAS

En deitar e arruar do leito,
Eu supplico a Santo Antonio
No livre, sã e incorreito,
Das tentações do demónio.

Mais lbe peço, n'uns versinhos
Cruahidos todos os días,
Que me poupe a ruina visinhos
E afaste as más companhias.

Mes o santo, que p'lo visto
Foi por mortais subornado,
Lança este pebre de Christos
A's feras do poroado.

Maus visinhos... são aos centos!
Companhias... d'Olho Vivo!...
N'ningum de meus lamentos
Lbe attrahe um ar compassivo.

Quem no meu bairro estancaia
E mostra muita empenha
Em saber se cãno à ceia
E quantas canisas tenho.

Indaga por mil maneiras
Todos os passos que dou,
Se jejuo às sextas-feiras,
Se ao domingo à missa vou.

Se dou de comer aos gatos,
Se recolho a alta hora,
Se compro gêneros baratos,
Se durmo em casa ou por fora.

Se uso roupa já usada,
Se não pago ao senhorio,
Se faço festa à criada,
Se com ela brinco e rio.

Se bebo vinho às comidas,
Se fumo estando deitado,
Se me deito às escondidas,
Se tenho o somno agitado.

Se a dormir me descompenho,
Se sou meigo ou rabugento,
E, enfim, se... nem por soubo
Falto ao sexto mandamento.

Vejam lá se com tal gente
É possível viver bem
Quem, como eu, jamais consente
Em mostrar tudo o que tem.

Agora, das outras penas
Que me perseguem d'ibarga...
Ai! Valham-me as cinco chagas!
Que penosa sobrecarga!

Entraram a chamar-me gêbo,
Escravo da vil rotina,
Por gastar em casa cebo,
Petroleo, azeite e stearina.

Diziam que actualmente
A luz do gaz vence tudo,
E que nem mesmo é decente
Não ter em casa um canudo.

Vexado, corri no Ouro,
Onde ha canudos que farto,
E disse: " De chumbo ou couro
Mettam canudo em tal parte."

Após seis dias, se tanto,
Era já um gosto vêr
As galhetas lá p'ra um canto
E em *bico* o dinheiro a arder.

Mas se a tempo não reparo
Dava co'a canastra em terra,
Pois que o gaz era tão caro
Como a tropa em pé de guerra.

Não havia meio anno
Que gozava a luz do gaz,
E gritei: " Cortem-me o cano,
Invenção de Satanaz!..."

'Tnda mal desilluido
(Confesso-o com funda mágua),
Recebo *amavel pedido*
P'ra metter canos p'ra agua.

Accedi, e a breve trecho
Tinha um rio em meu poder;
Mas se as torneiras não fecho,
Não sei onde iria ter.

Tendo já corrido o perigo
D'abrazar me u'um fogacho,
Outro poderoso inimigo
Me arrastou p'la agua abaixo.

E agora, vendo extintas
 As minhas economias,
 Temo as empresas famintas,
 Tenho horror ás Companhias.

Uma só se me affigura
 Útil, boa e sem desdouro:
 — A Geral da Agricultura
 Das Vinhas do Alto Douro.

Porto — Setembro de 1888.

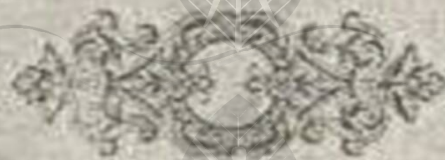
Boavida R. Gallo.

CHARADA NOVISSIMA

Não é longe da musica que o instrumento é nosso
 amigo — 1 — 1 — 1.


Manicoré.

Aristides C. Moraes.



FOLHAS SOLTAS

I



ESTE novo almanack vae nascer sob o esplendido sol da liberdade, que, graças ao decreto de 13 de maio proximo passado, illumina hoje todos os brasileiros; decreto que gravou em letras de ouro, em uma pagina do grande livro dos benfeitores da humanidade do seculo XIX os nomes da excelsa princeza D. Izabel, perfeitamente cognominada pelo povo: — o Anjo da Redempção; — dos conselheiros João Alfredo Correia de Oliveira, Manoel Pinto de Sousa Dantas, Joaquim Nabuco, e de outros muitos cidadãos que cooperaram com José do Patrocinio para a grandiosa obra da emancipação servil n'este paiz!! Dominados por tão salutarres impressões, seja-nos licito *reler algumas folhas que já foram lidas*, mas que nem por isso, deixarão de ter o seu merito relativo na historia da escravatura na Amazonia.

Existia em 185... em «Cametá», provincia do Pará, uma familia negra, escravizada, composta de paes, filhos e netos, em numero de vinte e tantas pessoas!

João Luiz de La Rocque, filho da cidade do Porto, chefe de uma importante casa commercial do Pará, incumbiu um advogado de restituir a liberdade a estes infelizes, que pelas leis do paiz tinham direito a ella.

O processo correu os seus tramites e os desgraçados permaneceram no captiveiro! João La Rocque, para quem a lingua ingleza era tão familiar como a materna, dispondo além d'isso de uma illustração pouco vulgar, dirigiu por intermedio do consul inglez no Pará, um memorial a S. M. Britanica, no qual relatava as extraordinarias circumstancias que tinham reduzido a tão aviltante condição aquella desventurada familia! Algum tempo depois, S. M. o Imperador do Brazil, que seja d'ão de passagem, sempre foi o primeiro abolicionista d'este paiz, recebia uma carta da *manu rege* de sua graciosa prima, a Rainha Victoria, e surprehendido pelo seu contheúdo, ordenava em uma carta autographa ao presidente do Pará, que syndicasse do facto de estarem em «Cametá» pessoas livres reduzidas á escravidão, e a ser verdade, providenciasse de modo aos infelizes recuperarem a liberdade com a maxima preseteza.

As providencias não se fizeram esperar mais, e em virtude d'ellas, a infeliz familia, reunida, entrava um dia pela casa de João de La Rocque, em «Canotá», e banhava-lhe os pés em lagrimas de reconhecimento, enquanto elle, commovido, lhe ensinava que pedisse á Providencia para conservar na terra por largos annos os seus regios protectores, a quem elle ia agradecer em nome d'ella.

Decorrido pouco tempo o governo inglez, considerando devidamente os philantropicos sentimentos que determinaram João de La Rocque a dirigir-se a sua Graciosa Soberana, enviava-lhe uma carta conferindo-lhe os direitos de cidadão inglez, com a immuniidade de transitarem suas bagagens pelas alfandegas de Inglaterra e seus dominios sem que fossem revistadas!

II

Em 1866, vendia-se em leilão á porta da estara municipal de Manaós, uma escrava pertencente ao espolio do fallecido José Fernandes. Proximo da localidade existia uma casa de commercio, onde entrou um velho, rubro pela colera, e de dentes cerrados, dizendo ao dono do estabelecimento: — Preste attenção á infamia que vae consumir-se na sua vizinhança! — O que é, alguma eleição que se perdeu? — Não se tracta de eleições, mas sim de uma infeliz *profeta* que cahiu no desagrado da nobre se-

nhora D... que jurou mandar esfolal-a viva, se algum dia a pudesse comprar; e como agora se lhe offerece occasião de obter uma tal *distracção*, mandou um proposto com ordem franca de comprar a infeliz captiva por todo o dinheiro! Dito isto, sahia o velho e dirigiu-se para o lugar onde se ia proceder ao leilão. O commerciante ficou á porta do estabelecimento impressionado desagradavelmente pelo que acabava de ouvir. O pregoeiro gritou: — tenho quinhentos mil réis pela escrava; haja quem mais dê, chegue-se a mim, receberei o seu laço.

Nesta occasião, aproximou-se do commerciante um cavalheiro, que batendo-lhe no hombro perguntou: — A que estás tu prestando tanta attenção? — Oh! João! foi Deus que te mandou; corre, vae alli defronte, onde se precisa do teu grande coração! — Mas de que se tracta? — Não percas tempo; por Deus, te rogo; vae depressa! A' vista de uma tal insistencia, alguns segundos depois, estava o recém-chegado no meio do grupo reunido á porta da camara, inquirindo do que se passava lá. O pregoeiro continuava a gritar: — seis centos mil réis — sete centos — oito centos — nove centos mil, me dão. Um conto de réis para a liberdade da escrava, gritou uma voz nossa conhecida. O pregoeiro naturalmente repetiu a offerta, mas sua voz foi abafada pelos vivas ferreticos que se levantaram de todos os lados; acto continuo o juiz mandou que fosse lavrado termo de venda ao portuguez João Francisco

Fernandes. Momentos depois regressava este ao estabelecimento commercial onde se dirigiu ao dono: Estás satisfeito?—Dá-me um abraço João! .. dêste-me a liberdade?—Manda dar-me uma folha de papel.—Vaes passal-a?—Não, vou habilitar-te com uma procuração a fazel-o; quero que a liberdade seja dada por ti a essa infeliz que conseguia interessar-te na sua desgraça! A liberta é hoje mãe de familia nas proximidades da cidade de Mauós.

III

Podíamos encher este livrinho com narrações semelhantes ás que acabamos de fazer; mas a natureza d'elle não permite isso, nem a nossa penna tem competencia para tanto sem fatigar o leitor.

Não podemos, porém, furtar-nos á satisfação de inscrever aqui dois nomes que tão saliente lugar occuparam no commercio do rio Madeira, referindo-nos em primeiro lugar ao nobre cearense o Excellentissimo Senhor Barão de S. Leonardo, o qual, antes, muito antes, que alguns corações generosos, seus comprouvencianos, cogitassem aproveitar em beneficio dos captivos, os elementos dissolventes que produziu a ultima grande secca do Ceará, concedia elle, o maior possuidor de tal mercadoria no Amazonas, carta de liberdade a todos os seus escravos sem condição alguma! Ainda

mais: Passava um dia pela porta do estabelecimento commercial dos senhores Moreira & Irmão, á rua Formosa, em Manáos, uma infeliz escrava que era brutalmente conduzida por algumas praças. Aos gritos afflictivos da desventurada, acudiram o Barão e os donos do estabelecimento a indagar dos motivos que determinavam tão lastimosa scena!

A negra, ao avistar estes cavalheiros, por entre soluços articulou umas palavras em que parecia pedir perdão.

— Larguem a negra, intimou o nobre titular.— Não podemos, responderam as praças: é uma escrava fugida da casa do seu senhor.— Esta mulher é livre; larguem-na! replicou o titular.— Custa-lhe 1.400\$000! observou um individuo do meio da multidão que rapidamente se havia reunido.— Custe quanto eustar; a negra deixa de ser escrava desde este momento! Estas ultimas palavras foram acolhidas com freneticos bravos e palmas por todos que presencearam tão nobre acção!!

O segundo cavalheiro a quem nos referimos é o senhor Alexandre José de Figueiredo, hoje residente em Coimbra, — Portugal, a quem coube a gloria de iniciar o movimento abolicionista no rio Madeira, dando plena e completa liberdade a seus escravos! Este acto de philantropia, porém, sem lhe desconhecermos a importancia, fica a nosso ver muito áquem de um outro praticado pelo mesmo senhor, durante o periodo que residiu entre nós

da penultima vez que esteve no Amazonas, restituindo livres, como restituia por essa occasião, a uma infeliz liberta que para elle appellou do districto de «Maués», um filho e uma filha, que pela fatal sina da escravidão, lhe tinham sido arrancados de sua companhia, deixando-a consternada e afflicta, de modo que somente as mães amorosas é dado avaliar tamanha dôr!

Factos taes não se commentam, registram-se somente, como acabamos de fazer, para honra e gloria de quem os pratica e de seus descendentes, dizendo entretanto, para terminar:—homens como os cavalheiros de quem acabamos de enaltecer os nomes, quando se desprendem d'esta vida, como infelizmente já aconteceu aos dois primeiros de quem fallamos aos nossos leitores, ninguem que tenha coração onde possa repercutir alheias dores, poderá em boa fé dizer que foram nullidades que passaram !!

Agosto, 7 de 1888.

* *

SONETO — ACROSTICO

Vrrastei-me de longe á sepultura
Masilia, onde jazem restos teus!
Vcolhe lá dos paramos dos ceus
Quanta prece da minha desventura.

—onda hontem sorria-me a ventura!...
Levou a cruel parca os sonhos meus,
—nspirada voaste ao lar de Deus
Vrrojando-me ao pelago d'amargura!

Mas d'esse lar de Deus onde voaste,
Oh! archanjo celeste dos amores,
Recebe minha prece que inspiraste!

Vcolhe preces, como outr'ora flores!
Ei saudades na campa onde baixaste
Vurgindo lá no ceu entre fulgores!

« Calama », Rio Madeira, Março de 1888.

A. Floriano.

JOÃO ALBUQUERQUE

(Do discurso proferido em sessão solenne do Athenaeo Commercial do Porto na noite de 11 de outubro de 1885 para recepção dos exploradores Capello e Ivens.)



A TENDENCIA para a creação de suezanias autonomas, graças á qual as nações e os principados se multiplicaram, escapando assim á hegemonia carlovingia e á unidade do imperio mussulmano, a essa tendencia se deve a genése da nação portugueza. A corrente de desagremição, particularmente affirmada mais ao norte europeu, veio descendo para o meio dia até tocar nas praias do extremo occidente, perdendo alguma inteusidade de força, mas conseruando a nota fundamental da evolução.

O rudo barão medieval, n'esse caminhar incessante em que se photographa o caracter altivo do germano primevo, topou com a costa de mar, quando ainda no seu sangue havia calor bastante para transformar em movimento ousado e robustez sufficiente para expandir em

heroicidades. A necessidade da lucta existia na alma do cavalleiro como na alma do burguez e do peão: n'aquelle, era um producto de educação, da hereditariedade, o anseio do orgulho, do amor proprio da raça: n'estes, era a consequencia do estado cada vez mais adiantado de cohesão das classes trabalhadoras, movimento que o poder real favorecia, em defeza contra a supremacia dos nobres.

Mas para onde o esforço, domado que foi o mouro e assegurada a independencia portugueza durante o reinado do mestre de Aviz? Para o oriente? Impedia-o Castella. Para o occidente? Ao norte? Ao sul?

O cavalleiro e o peão volviam os olhos para o sol no accazo e nada mais contemplavam, desde o ponto do firmamento em que se incrusta a estrella polar até ao ponto opposto, que a formosissima e extensa toalha de agua, onde os frouxos raios solares se iam inter-nando, a celebrar o hymeneu do calor e da materia, gerador do dia e da vida.

E' então que na tela da historia portugueza se desenha o vulto genial do infante D. Henrique, em cuja cabeça entra de germinar a empreza de converter o homem de armas em marinheiro e o torneio em lucta com a tempestade. Dir-se-hia, meus senhores, que a vivificante aura maritima acarretava e depositava no cerebro do infante o pollen da Renascença!

Em apostolado da nova ideia, Portugal

lançou-se ao mar. As lendas dos oceanos, o desconhecido das aguas, o terror supersticioso da borrasca por noite negra, tudo isso é vasourado pela intelligencia e pela impavidez! A cruzada da marinha povoava o deserto liquido de frotas, como as cruzadas da fé haviam povoado de exercitos o deserto de areia. E n'esse drama maritimo, n'essa lucta do homem contra a natureza, da sciencia contra a materia, é a humanidade quem triumpho, arrancando do seio do oceano as ilhas e os continentes!

N'esse drama portentoso, que serve de portico á moderna idade, a nautica é o instrumento manejado pelo espirito, e a descoberta é o pomo de ouro offercido á intrepidez.

A imagem radiante da Renasceça sustenta na dextra a biblia reemada, que a Allemanha reclama como symbolo da liberdade intellectual; reflecte-se-lhe na face a glorificação da Arte, em cuja transformação a Italia reivindica o principal quinhão; e caminha victoriosa sobre o mappa do universo, que o povo portuguez, mais do que nenhum outro povo, escreveu e detalhou n'um ininterrompido enthusiasmo, com o calor das crateras e com a productividade da semente!

MESSALINA

A. J. Olympio

Vês aquella mulher? Tem no semblante
As frescas rosas de mentido gaudío!
Formosa como a "Aspasia", deslumbrante
Possue os crimes da mulher de "Claudio".

Encantadora e má! O seu sorriso
Tem veneno subtil, que endoia e mata;
Nos promettem delicias do p'raiso
Os labios onde o gôso se retrata!

Ai d'aquelle, porém, que no seu collo
Deltar a fronte em horas de delitio!
Manchará com seu sangue o negro solo;
Terá no corpo as chagas do martyrio.

Não te deixes cahir na tentação!
Despreza o seu amor... que importa a critica?
D'outra romeira vil — a Opinião!
Sabes-lhe o nome? Chama-se a *Politica!*

Martinho Rodrigues.



INDICAÇÕES-UTEIS

GUARDA NACIONAL

Commando Superior das Comarcas de Itacatiara
e rio Madeira

Commando Superior

Coronel, Victor da Fonseca Coutinho — Borba.

Ajudante d'ordens

SERVINDO DE ESCRITARIO GERAL

Major, Benedicto Antonio Alves Pinto — Ca-
pela.

Quartel-meestre.

Capitão, Antonio José de Moura Junior — Eva.

SEGUNDO BATALHÃO D'ARTILHERIA

Commandante

Tenente Coronel, Manoel Fernandes da Silva
Brazão — Uruá.

Major-fiscal, Raymundo João Carneiro.

Estado Maior

1.º Tenente Ajudante, Francisco Rebello da Silva (fallecido).

1.º Tenente Quartel Mestre, Manoel P. Soares da Silva — Uruá.

1.º Tenente Cirurgião, Manoel Soares Botelho — Popunhas.

2.º Tenente Porta-bandeira, Manoel Ferreira de Moraes.

2.º Tenente Secretario, Joaquim Sant'Anna Reis — Manicoré.

1.ª Companhia

Capitão, José Francisco Dias — Remanso.

1.º Tenente, José Gentil Monteiro da Costa — Marmellos.

2.º Tenente, Antonio Firmino do Bom Jesus.

2.ª Companhia

Capitão, Luiz Laborda Izel — Oaças.

1.º Tenente, João Monteiro da Costa — Marmellos.

2.º Tenente, Francisco Guedes Rodrigues — Genipapo.

2.º Tenente, Elpidio Ferreira Mar — Uruá.

3.ª Companhia

Capitão, Manoel Vieira Marques — Bom Futuro.

1.º Tenente, Paulino J. P. Caecan — S. Ray-
mundo.

2.º Tenente, João Osorio Prestes — Jurará.

2.º Tenente, Irineo A. d'Oliveira.

4.ª Companhia

Capitão, Joaquim Theodoro Bentes — Jurará.

1.º Tenente, Manoel de Souza Cardoso — Borba.

2.º Tenente, Adjunto Luiz Alves — Tres Casas.

2.º Tenente, Manoel da Costa Pimenta — Geni-
papo.

5.ª Companhia

Capitão, Antonio Francisco Monteiro — Hu-
maytá.

1.º Tenente, Vago.

2.º Tenente, Raymundo Nonnato de Moraes —
Manãos.

2.º Tenente, Antonio Macedo de Freitas — Ja-
tuarana.

6.ª Companhia

Capitão, Adolpho Delsidio do Amaral — Con-
ceição.

1.º Tenente, Joaquim F. Franco — Jatuarana.

2.º Tenente, Manoel M. de Moraes Junior.

2.º Tenente, Miguel Porfirio Delgado.

QUINTO BATALHÃO DE INFANTERIA

Commandante

Tenente Coronel, Victor da Fonseca Coutinho
Junior — Borba.

Estado Maior

Major-fiscal, Venancio Antonio de Castro —
Humaytá.

Tenente Ajudante, José da Fonseca Coutinho
— Araras.

Tenente Cirurgião, Heliodoro Ferreira Bentes
— Borba.

Alferes Secretario, Raymundo Gonçalves Mar-
ques — Borba.

Alferes Porta-bandeira, João Martins d'Araujo.

1.ª Companhia

Capitão, Francisco Ferreira Franco — Mani-
coré.

Tenente, José Carlos da S. Coutinho — Borba.

Alferes, Albino Antonio Ramos — Borba.

Alferes, Francisco de Souza Marques — Borba.

2.ª Companhia

Capitão, Manoel José d'Assumpção — Borba.

Tenente, Marcos da Fonseca Coutinho — Borba.

Alferes, Prudencio das Chagas de Abreu — Borba.

Alferes, Martiniano de Souza Bento — Borba.

3.ª Companhia

Capitão, Manoel Marques d'Oliveira — Canumã.

Tenente, Francisco P. d'Oliveira — Canumã.

Alferes, Manoel Braz Gonçalves — Canumã.

Alferes, José Manoel de Carvalho Junior — Canumã.

4.ª Companhia

Capitão, Luiz da Fonseca Continho — Borba.

Tenente, Raymundo Vieira Guimarães — Boa Vista.

Alferes, Francisco Rodrigues de Queiroz — Santo Amaro.

Alferes, Manoel Maximo de Goes — Borba.

5.ª Companhia

Capitão, Manoel Rodrigues Paes — Açores.

Tenente, Francisco S. Lopes Branco — Borba.

Alferes, Francisco D. dos Santos — Borba.

Alferes, João Bernardo Rodrigues — Tabocal.

6.ª Companhia

Capitão, Francisco Antonio Delgado — Aripuanã.

Tenente, Laureano F. Marquez Roiz — Tabocal.

Alferes, Antonio José d'Almeida — Vista Alegre.

Alferes, Luiz Pedro da Motta — Tabocal.

2.ª SEGUNDA SECÇÃO DO BATALHÃO DE RESERVA

Commandante

Major, Theodoro Antonio Rodrigues — Tabocal.

1.ª Companhia

Capitão, Hilario A. da Fonseca Continho — Borba.

Tenente, Egydio Antonio Moreira — Caiçara.

Alferes, João Pereira de Goes — Borba.

Alferes, Custodio Pedro de Mello — Borba.

2.ª Companhia

Capitão, Francisco G. de Goes — Mandihy.

Tenente, Thomaz O. Itua do Pará — Canumã.

Alferes, Elias X. Gonçalves Alho — Tabocal.

Alferes, Victor M. de Alvaia — Canumã.

3.ª Companhia

Capitão, Antonio José Mattos Naveca — Manãos.

Tenente, Leopoldino Borges do Carmo — Manicoré.

Alferes, Antonio Luiz Alves — Tres Casas.

Alferes, Torquato Pedro Magalhães — Ari-
puaná.

4.ª Companhia

Capitão, Leão J. C. de M. Loureiro — Tapurú.

Tenente, Bernardino de Senna Arango — Ito-
roró.

Alferes, Vago.

Alferes, Jeronymo M. R. de Couto.

CHARADA

(do III.º Ser. Commandador Manuel Pereira (Cavalote))

De madeira? de metal?
Da direita? tal e qual, — 2
Esta agora é vegetal, — 2
Que se encontra em Portugal.
Eis a charada? que tal
Com tantas rimas em al?

A bordo do "Perseverança."

Martinho Rodrigues.

VORHOZA

A Parisa Irtila

Que és formosa bem sei; e alguém já disse,
Que o teu perfil causava mortaes zelos
Ah! como f'iz quem possuísse
Uma madecha só dos teus cabellos.

E uma mulher, gabando-te a opulencia
Das fórmas, te chamava Venus de Milo,
A na-la comparou a transparencia
Do teu limpido olhar puro e tranquillo.

Outra me assegurou que nunca vira
Pé *mignon* como o teu, nem presumira
Uma tão linda e tão alta perna;

Porém a tantos dons celestes, doces
De certo eu preferia que tu fosse:
Prudente, suave, compassiva e terna.

Martinho Rodrigues.

O Commendador Arminio Adolpho Pontes e Souza



COMARCA do Rio Madeira, creada por Lei n.º 385 de 14 de outubro de 1878, foi installada a 12 de dezembro de 1881.

Por decreto de 16 de julho, do referido anno, foi nomeado o bacharel, José Cavalcante de Albuquerque Uchôa, juiz de direito da mesma.

Pouco tempo esteve este magistrado em exercicio porque tendo obtido licença, seguiu para Pernambuco, de onde mais tarde conseguiu a sua transferencia para outra comarca.

Tão curta foi a permanencia do bacharel Uchôa, no exercicio do seu cargo, que não podemos formar uma ideia segura a respeito das suas qualidades como magistrado.

No entanto, foi por s. exc.ª convocada a primeira reuniao do jury n'esta comarca, apoz a qual entrou no gozo da sua licença, ficando por largo tempo este termo sem a sua primeira authoridade.

Finalmente, depois de por longo espaço se achar esta comarca privada de um magistrado que na distribuição da justiça fizesse respeitar o imperio da lei e com imparcialidade cumprisse os seus deveres, foi nomeado juiz de direito da referida comarca, o commendador bacharel Arminio Adolpho Pontes e Souza.

Desde então principiarão a sentir-se os benéficos effeitos da sua recta justiça, dando provas inequívocas de um magistrado integro e circumspecto. Os crimes, que até então encontravam a mais censuravel impunidade, dando lugar a repetiram-se com persistencia assistadora, foram desapparecendo. O respeito á authoridade, que n'essa epocha era considerada uma utopia, firmou-se em sólidas bases, porque acima de tudo o dr. Arminio o que mais prezava era o cumprimento dos seus deveres como magistrado.

Dotado s. ex.^a de um espirito calmo e circumspecto, impõe o respeito sem violencia nem arbitrariedades. Ao culpado, mostra s. ex.^a as faltas em que cahiu, e escrevendo a sentença que o deve condemnar, pondera-lhe os deveres que tem a cumprir perante a lei, incitando-o a emendar-se no futuro com conselhos fraternaes. Ao innocente, trata s. ex.^a com aquella lhaneza que lhe é proverbial, aconselhando-o a ter resignação e confiança na justiça, na qual não predominam as paixões.

E' tal a belleza do character do digno ma-

gistrado, que não ha quem não o venere e reverenceie mesmo, como merece.

Os habitantes do Rio Madeira, orgulham-se de ter á frente dos destinos d'esta comarca, o sr. commendador Arminio Adolpho Pontes e Souza, cujos dotes de espirito são de quilate a merecer o preito de todos nós.

É permittir-se-nos aproveitar o ensejo para darmos conhecimento de alguns apontamentos biographicos que nos foi possível obter a respeito de tão distincto cavalheiro.

Arminio Adolpho Pontes e Souza, bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade do Recife, natural do Pará, filho legitimo do commendador Alvaro Pinto de Pontes e Souza e de D. Maria Joaquina de Araujo Pontes e Souza, exerceu na capital do Pará os cargos de delegado de policia, curador geral interino dos orphãos, promotor publico interino, juiz substituto de orphãos, e provedor de capellas e residuos, civil e crime, cargos em que prestou assignalados serviços á causa da justiça publica, principalmente como delegado de policia, pois procedeu sempre com inexcedivel probidade e o mais acrisolado sentimento de justiça em suas decisões ou despachos.

Exerceu mais os cargos de lente interino de historia no Lyceu Paraense, de official maior da secretaria do Governo, de secretario interino da Provincia, e de Inspector do Thesouro Publico Provincial em que deu testemunho de

alto criterio com vantagem para os interesses publicos.

Nomeado juiz de direito da comarca do Rio Madeira, n'esta provincia, por decreto imperial de 29 de julho de 1884, prestou juramento perante a presidencia da Provincia e tomou posse do seu cargo no dia 10 de novembro do mesmo anno, em qua chegou a villa de Manicoré, cabeça da comarca, onde tem residido até hoje.

Como sempre, o dr. Pontes e Souza tem procedido com a maxima inteireza de character, e com toda a probidade e sentimento de justiça, não se deixando prender pela afeição nem pelo odio, pelo que tem merecido a estima e consideração não só dos seus jurisdicionados como dos poderes publicos.

Como homem particular é facilmente accessivel, procedendo com severidade, franqueza e lisura em todos os seus actos. Dotado de bom coração, soccorre os que o procuram, tendo por vezes prestado bons serviços com a sua botica homoeopathica, da qual fornece gratuitamente e com utilidade muitos medicamentos.

Foi agraciado por el-rei de Portugal com a commenda da Conceição, quando delegado de policia no Pará, por serviços prestados aos portuguezes, descobrindo e prendendo os assassinos de uma familia inteira, composta de mulher e 5 filhos, no Rio Carnapijó e por ter sido advogado gratuito n'essa causa.

Finalmente desde que se trata de auxiliar

um commettimento de caridade portugueza, a sua bolsa acha-se sempre aberta para as subscripções que se promovem. e assim o dr. Pontes e Souza mostra bem que apesar de brasileiro e de altamente collocado, sente como suas as dôres alheias de um povo irmão, que foi o primeiro a reconhecer-lhe os meritos e a bondade da sua alma peregrina.

Manoel Pereira Gonçalves.

EXTERIORIDADE

Dizem que existe á margem do "Mar-morto,"
Um bello fructo de doçada côr,
Mas quem o colhe sente um desconforto,
E o repelle de si com asco e horror.

É que esse louro, svelado pomo,
Do caminheiro errante, tentação,
Em vez de doce, saboroso gemmo,
Só tem dentro de si a podridão.

Ha muita gente assim como o doçado
Lindo pozio das margens do "Asphaltita";
O rosto d'aujo, o corpo bem formado,
A alma de lodo e podridão maldita.

Martinho Rodrigues.

ANEDOCTA

O BONZO

Um bonzo fatigado do ordinario vegetal que lhe impoem os regulamentos do budhismo, entrou um dia em casa de um seu visinho e prostrou-se respeitosa-mente deante de um pato gordo que dormia a sésta. O dono da ave, confundido com esta adoração insolita, pergunta ao bonzo qual a razão.

— Ah! replicou este, uma alma humana habita o corpo d'este pato, e uma revelação lá do alto communicou-me, esta noite, que essa alma era a de meu pae. Vim render-lhe as minhas homenagens e ser-me-ha bem d'aro separar-me d'ella. Eis tudo o que me resta de meu pobre pae.

O aldeão commovido pela emoção do pobre budhista, offerece-lhe inconscientemente o pato, que o bonzo levou.

No dia seguinte, o aldeão foi visital-o por sua vez e viu com espanto á porta da choupana pennas que pareciam de pato.

Ficou surprehendido, quando foi dar com o seu visinho sacerdote em patuscada a roer uma gorda coxa do pato.

— Cumpro, n'este momento um dever penoso, disse o bonzo ao prever as perguntas que lhe seriam dirigidas.

A força de oração, fez sahir a alma veneranda de meu pae da habitação indigna onde o atrevido a tinha degradado. Porém que fazer d'este animalajo que foi por muito tempo a sua habitação? Tinha de o fazer desaparecer e com pejo de o mandar matar, encarreguei-me eu proprio de o fazer.

O aldeão não fez objecções, mas nunca mais se viu nas malicias dos bonzos.

29-10-88.

(Trad.)

Verecundo Pereira Gonçalves.

-aos MEUS RESPONSAVEIS AMIGOS

OS ILL.^{mas} SNES.

José Francisco Monteiro e José Gasmão da Silva Amoral

Gratidão é o preito que vos rendo,
Ungido de mais para sentimento:
Elevar-vos eu quizeis n'estes versos,
Se para isso me sobressa o entendimento.


A nebreza que distingue vossas almas,
É de todos geralmente conhecida;
Sempre as dôres menores do oprimeido,
A caridade em vossos peitos tem guardada.

De poeta nada tenho, eu vos confesso,
Para em versos decantar vossas virtudes;
Portanto aqui sómente eu vos protesto,
Amizade sincera, em versos rudes.

Humaytá, Rio Maléira, maio 1888.

Antonio Luiz da Silva.

A SAUDOSA MEMORIA
DO ILL.^{MO} SNR.
ANTONIO GONÇALVES DA COSTA

s decretos da vida promulga-os o Céu, e executam-se na periferia da humanidade opportuna e importunamente como carecidos da publicidade prévia, tão compadecida da conformidade d'aquelles a quem comprehendem!

Ainda no passado almanack o Snr. Antonio Gonçalves da Costa, illustre cidadão do Porto, me honrou com um artigo *Traços biographicos* em que bem transluzia o finissimo quilate d'um coração d'ouro ao avolamar e engrandecer os meus pequenos serviços n'esta parte do Amazonas, os quizes só as almas de eleição sabem exagerar de gratas e reconhecidas como fez aquelle men illustre amigo; e já hoje quando imaginava lavrar um agradecimento, venho a inscrever um epitaphio! Não cheguei sequer — alma generosa! — a ter o tempo de reconheceres que nem tudo são ingratidões

n'este valle de lagrimas, e que não encendraste de balde a minha modestia.

Quizera dizer n'este logar de tu, já agora saudoso amigo, o muito que de mim disseste, e mais se possível tanto quanto m'o insistava a minha gratidão: mas nem sei usar da penna, nem conheço, pela estreiteza do tempo em que me foi dado escrever, a tua biographia. Sei porém que eras duricense, um iliano, um porto. Prestaste assignalados serviços á causa liberal na qualidade de correio da Posta militar, e nada pediste na hora do vencimento — nem uma simples vengra — recolhendo-te depois para sempre na simplicidade da vida de familia que sabias estremer como m'o prova o teu escripto, e as cruzades com que me honram teu sobrinho e filho os Ex.^{tes} Comendador Manoel Pereira Gonçalves e Francisco Gonçalves da Costa Porto.

O pouco que me tem sido possível fazer n'esta, pelos nossos conterraneos, engalanaste-o tu, saudoso amigo, da tua prosa brilhante como que enaltecendo-o do muito que lhe faltava para merecer as honras da publicidade. Da tua memoria queria acceto essas frases como entusiastica demonstração d'uma alma boa, prevenida do sentimento da mais encendida gratidão por exagerados informes que d'aqui te forneceram, e não como a expressão da justiça. Dei feito aos nossos conterraneos apenas o que me exige a consciencia com a qual desejei sempre viver harmonico, e nada

ANNUNCIO

COLLEGIO NACIONAL DO PORTO

1, RUA DE CIMA DE VILLA, 7

DIRECTOR

JOAO DOS SANTOS PEREIRA PINTO

Habilitado com o curso superior de theologia, etc., etc.

O edificio d'este collegio acha-se adaptado aos principios hygienicos e com as condições indispensaveis ao desenvolvimento litterario dos alumnos. Admittem-se alumnos internos, semi-internos e externos.

Observações relativas aos alumnos internos

- 1.^a— Os alumnos internos menores de 8 annos pagarão annualmente 130\$000 reis; os maiores de 8 annos até 15 pagarão 150\$000 reis, e os maiores de 15 annos 180\$000 reis.
- 2.^a— Todas estas quantias deverão ser satisfeitas em duas prestações eguaes, adiantadas.
- 3.^a— O ensino de escripturação commercial, desenho, musica, canto, gymnastica, esgrima,

e todas as mais sciencias, bem como as despezas de livros, papel e pennas, etc., serão pagas em separado.

4.^a—Semestre começado considera-se vencido; salvo em incêstia tratada fóra do collegio e que exceda a três mezes.

5.^a—O alumno que adoecer no collegio e cuja doença exceder a seis dias pagará mais 400 réis diarios, livres de remedios e medicos.

6.^a—São de ferias os dias que decorrem desde domingo de Ramos até domingo de Paschoa, desde a vespera de Natal até o dia de Reis, e o mez de setembro.

7.^a—Não se faz abatimento de ferias; porém, os alumnos internos que em setembro ficarem no collegio, pagarão mais 300 réis diarios.

8.^a—Ha quatro refeições por dia: almoço, lunch, jantar e ceia de garfo e vinho, sendo cada uma das comidas abundantes, variadas e sadias.

9.^a—Todos os alumnos internos deverão entrar para o collegio com o enxoval seguinte:

1 leito de ferro e seus pertences: bacia, jarro e urinol

2 cobertas, 1 de chita e 1 branca

2 fronhas de traves-eiro

2 fronhas de travesseirinha

8 lençoes, sendo 2 para banho

8 toalhas de mão

2 cobertores de lã

12 lençoes de assoar

12 camisas, sendo 4 de dormir

4 camisetas

12 pares de meias

6 pares de ceroulas

2 mantas pretas para passeio

2 mantas para casa

2 pares de botas

2 pares de sapatos brancos

1 pente de alisar e um dito de caspa

modelo do collegio

3 escovas, sendo uma de roupa, outra de cabeça e outra de dentes

1 thesoura

Roupa de agasalho para inverno e leve para verão, á vontade das tuéllias, para passeio e para casa.

10.*— Todos estes objectos devem ser marcados e mencionados n'uma relação, que ficará em poder do director, e quando o alumno sahir do collegio serão entregues no estado em que se acharem.

Observações relativas aos alumnos semi-internos

11.*— Os alumnos semi-internos, menores de 8 annos, pagarão annualmente 80\$000 reis, e os maiores de 8 annos 90\$000 reis.

12.*— Os alumnos semi-internos terão jantar egual ao dos internos e sahirão no fim de todas as aulas; bem como ficarão sujeitos á observação 3.*

13.*— Todas aquellas quantias deverão ser satisfeitas em duas prestações eguaes, adiantadas.

14.*— Semestre começado considera-se vencido; e não se faz abatimento senão no caso de doença, que exceda a um mez.

15.*— Os alumnos semi-internos terão como dias de ferias os mencionados na observação 6.*, não havendo abatimento algum.

Observações relativas aos alumnos externos

Os alumnos externos pagarão em prestações de semestre adiantado por :

Instrucção primaria rudimentar	12\$000
Instrucção primaria complementar	24\$000
Portuguez (1. ^a e 2. ^a parte)	24\$000
Latim (1. ^a e 2. ^a parte)	24\$000
Francuez, traducção e conversação.	24\$000
Inglez, traducção e conversação	25\$000
Alleão, traducção e conversação.	27\$000
Grego	24\$000
Desenho (1. ^a e 2. ^a parte)	24\$000
Mathematica (1. ^a e 2. ^a parte)	25\$000
Geographia, chronologia e historia	23-000
Philosophia racional e moral e principios de direito natural	25\$000
Principios de physica, chimica e intro- ducção á historia natural	25\$000
Commercio	24\$000
Gymnastica	12\$000
Esgriua	25\$000

16.^a—Os alumnos externos ficam sujeitos ao disposto nas observações 14.^a e 13.^a.

Observações communs a todos os alumnos

Os paes, tutores ou superiores dos alumnos que não forem d'esta cidade, deverão ter no Porto uma pessoa idonea que lhes sirva de correspondente, e com o qual o director do collegio se possa entender em qualquer assumpto relativo ao educando. De tres em tres mezes o director participará directamente á familia do alumno o estado do seu adiantamento.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director do Collegio Nacional do Porto, João dos Santos Pereira Pinto.

N. B. — Todas as pessoas, que desejarem informações, no Brazil, referentes a este Collegio, pôdem dirigir-se : em Manaós ao Ex.^{mo} Snr. Vice-Consul de Portugal, Manoel Joaquim Machado e Silva; no Pasto Grande ao Ex.^{mo} Snr. Commendador Manoel Pereira Gonçalves; no Humaythá ao Ex.^{mo} Snr. Commendador José Francisco Monteiro; em Popunhas ao Ex.^{mo} Snr. Manoel Soares Botelho; em S. Miguel ao Ex.^{mo} Snr. José da Silveira Dutra e no Pará ao Ex.^{mo} Snr. Manoel de Quadros Carvalho, antiga casa de Carvalhos & Companhia.

Lista dos alumnos approvados no anno lectivo de 1887-88, obtendo alguns, no Lyceu Central do Porto, oito approvações:

Abilio Alves Saldanha
 Accacio de Araujo Roque
 Adolpho Maia Mendes da Paz
 Affonso da Motta e Silva
 Alberto Correia Pinto de Meirelles
 Alberto Moreira de Lemos (DISTINCTO)
 Alberto Pereira Nunes Delgado
 Alberto Pereira dos Santos (DISTINCTO)
 Alberto Teixeira Pinto
 Alfredo Gonçalves Arroyo
 Alfredo José de Couto Junior
 Alfredo de Souza Bandeira
 Annibal Arthur de Vasconcellos Martins
 Antonio Agostinho da Silva
 Antonio de Costa
 Antonio José Dias Pinho Junior
 Antonio Fernandes Lado
 Antonio Pinto de França
 Antonio José Cordeiro
 Arnaldo Augusto Andréa de Souza
 Arthur Gomes de Sá
 Augusto de Almeida
 Azuil Gomes de Sá
 Benjamin Luiz da Costa

Candido José Moledo
Carlos de Mello Simões
Domingos Alves Pereira da Queiroz
Ernesto d'Amorim
Ernesto Soares
Eduardo Pereira Peixoto Belleza
Francisco Augusto Norberto Monteiro Junior
Francisco Figueiredo Ferrão (DISTINCTO)
Francisco José Maria e Silva
Francisco José Ribeiro Junior
Galileu Henrique Pinto Moreira
Goldemiro Candido Cardoso
Guilherme Francisco da Silva
Henrique Maria Fernandes y Valle
Jayme Antonio Lopes
João Fernandes d'Oliveira
João Maria de Gouveia Pereira Junior
João Marques Pereira Nogueira
Joaquim Moreira Pacheco Coimbra
Joaquim Teixeira Gonçalves Junior
Joaquim Teixeira da Souza Rubim (DISTINCTO)
José Alberto da Silva Ribeiro
José Antunes d'Azevedo
José Ayres de Magalhães Martins
José d'Assumpção Santos Junior
José del Valle Junior
José Marques Nogueira
José Mendes do Couto Ferreira
José Ribeiro Teixeira
Lucilio Pereira da Silva Gouveia
Lucio Ventura Ferreira
Luiz Paulo Lamy
Luiz Soares Martins
Manoel Francisco Monteiro
Manoel Gaspar de Carvalho
Manoel José Dias Pinho
Manoel Soares Botelho Junior
Manoel Pinto de Carvalho
Raul Correia da Fenecca
Raul Eduardo Coelho
Raul Soares
Raul Gregorio Caldevilla y Fernandez
Ricardo de Souza Neves
Rodrigo da Rocha Sequeira
Sebastião Bernardino Pimenta
Theodoro Pires Gomes de Sararé
Verediano Pereira Gonçalves

Victor Manoel dos Santos Pereira
Virgilio de Mello Simões.

Total das approvações, 959

**Corpo docente para o anno lectivo
de 1888 a 1889**

Instrucção primaria, elemental e complementa-
tar — Francisco Pereira dos Santos, Julio
Cesar Negurão, Alexandre Magno Castilho,
João dos Santos Pereira Pinto.

Portuguez, 1.º e 2.º annos — João dos Santos
Pereira Pinto.

Francez, 1.º e 2.º annos — Henrique Pouke.

Mathematica, 1.º e 2.º annos — João Manoel
Pires.

Desenho, 1.º e 2.º annos — Justino da Silva
Braga.

Latim, 1.º e 2.º partes — Padre João Ribas, João
dos Santos Pereira Pinto.

Mathematica, 3.º e 4.º annos — João Manoel
Pires.

Introdução, physica e chimica — Gervasio Fer-
reira d'Araujo.

Historia e geographia — José Augusto Coelho.

Mathematica, 5.º e 6.º annos — João Manoel
Pires.

Litteratura — Gervasio Ferreira d'Araujo.

Inglez, 5.º e 6.º annos — Henrique Pouke, Ri-
cardo Gomes da Costa.

Philosophia — José Augusto Coelho.

Commercio — Augusto Jorge.

Musica — Arthur Ferreira.

Dança — Antonio C. Lopez.
Gymnastica e esgrima — Paulo Lauret.

As aulas de instrucção primaria principiam no dia 1 de outubro e as de instrucção secundaria no dia 7, sendo professores os mesmos do anno lectivo findo.

Acceitam-se alumnos internos, semi-inter-nos e externos.

Porto e Collegio Nacional do Porto, 26 de setembro de 1888.

O DIRECTOR,

João dos Santos Pereira Pinto.

INDICE

A Anna Eulalia de Mattos Silva	98
A antithese	70
A Antonio Luiz da Silva	55
A José Francisco Monteiro e José Gusmão da Silva Amarel	140
Adivinhações	53
Alexandre de Paula Beito Amorim	69
A libertação dos escravos no Brazil	50
Anedocta	189
A noite	86
As más companhias	110
A' memoria de Antonio Gonçalves da Costa	141
A andorinha	144
Bernardo Antonio d'Oliveira Braga	57
Charadas 60, 62, 75, 97, 109, 113,	132
Estylo singular	96
Exterioridade	138
Familia imperial brasileira	81
Folhas soltas	114
Formosa	133
Guerra de duas rosas rivaes	67
Haschischins	108
Indicações uteis	83, 123
João Arroyo	122

Kalendario	25
Logographos	55
Messalina	125
No mar	46
O Amazonas	145
O Comendador Arminio Adolpho Pontes e Sousa	124
Officio modelo	55
O exercito portuguez em 1851	99
Procriação dos indios paritintins	61
Prologo	9
Recado ameroso.	86
Receitas	97
Salve, veritas	105
Santo Antonio	49
Soneto	65
Soneto acrostico.	121
Specimen epistolar	87
Tabola temporana	24
Um compromisso antigo	76
Um esquecimento imperdoavel	47
Victor da Fenseca Continho	18





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA